

# RENOVAÇÃO

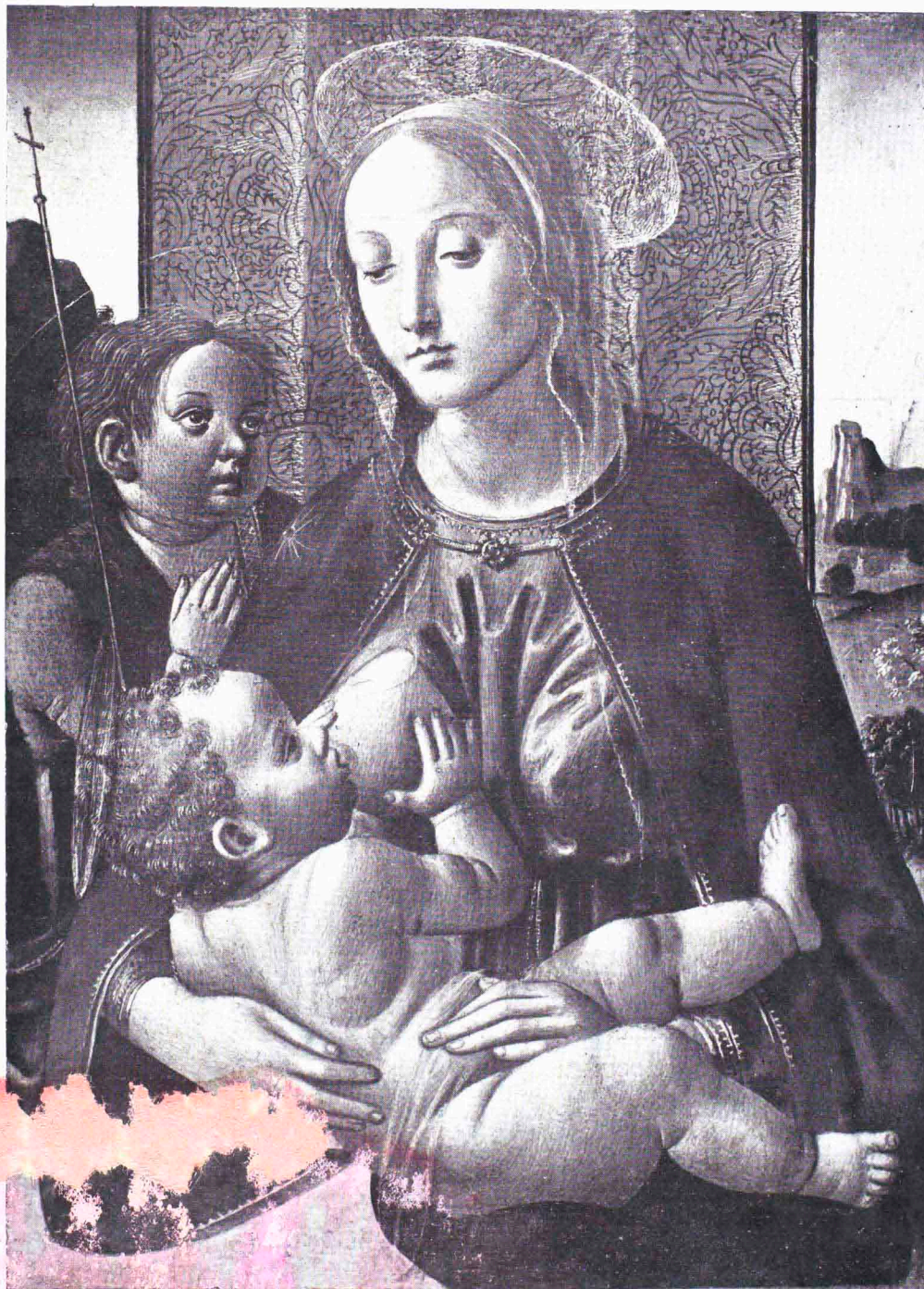
ÓRGÃO DE AÇÃO EDUCACIONAL PROLETÁRIA

**DIRETORES:**

EDGAR FERNANDES  
VICENTE DO REGO MONTEIRO

**SUMARIO**

Renovação, Edgar Fernandes e Vicente do Rego Monteiro. — Refeição no trabalho, Luís Chaves. — Banco de ensaio, Gonçalves Fernandes. — Sindicalismo e Marxismo, Silvino Lyra. — Arte e poesia dos índios do Brasil, Geo Charles. — Arte pela arte e o Parnasianismo, Crêso Teixeira. — A autoridade com o senso de Cristo, Debora do R. Monteiro. — Natividade, V. M. — Azas, Azas para o Brasil, Arlindo Amorim Pontual. — Bolivar e o Americanismo, Augusto Duque. — O Escotismo em face da Emigração, Oswaldo Guimarães. — Livros para o povo, Antonio Toscano. — Nossa Capa. — Publicações, etc.



Cosimo Rosselli (1430 - 1507) Coleção P. L. de New-York

A VIRGEM, O MENINO JESÚS E S. JOÃO BATÍSTA

Redação:

Rua do Bom Jesus, 207 - 2.º

RECIFE

**EXPEDIENTE****"RENOVAÇÃO"**

Orgão de Ação Educacional Proletária  
Direção — **Edgar Fernandes e Vicente do Rêgo Monteiro**

RUA DO BOM JESÚS, 207 - 2.º andar

Número avulso . . . . . 1\$000  
Número atrasado . . . . . 2\$000  
Assinatura para 24 números :  
Na capital . . . . . 30\$000  
No interior . . . . . 35\$000

As assinaturas são pagas adiantadamente  
Os originais literários enviados á

**"RENOVAÇÃO"**

**Não serão devolvidos, ainda que não sejam publicados**

**MATERIAL DE CONSTRUÇÃO**

Cimento — Ferro — Louça Sanitaria nacional e estrangeira — Mosaicos — Azulejos

CARVÃO CARDIFF E COKE

Produtos da The ARMCO International Corporation : Tanques para oleo e alcool, silos, boeiros, chapas para todos os fins, aços inoxidaveis, tubos, arames, folhas de flandres, produtos "CELOTEX", SOLDA "LINCOLN" etc.

**Carvalho & Cia.**

Fone 6130 Rua da Detenção, 61

RECIFE

AS GAZOSAS

**FRATELLI VITA**

GUARANA'  
AGUA TONICA  
LIMÃO - MAÇÃ

**SÃO INSUPERAVEIS**

**Banco Comércio e Indústria de Pernambuco**

AVENIDA RIO BRANCO N.º 155

End. Tel. "CASAFORTE" Caixa Postal 444  
RECIFE — PERNAMBUCO

Capital subscrito 1.500:000\$000  
Capital realizado 1.500:000\$000

Faz todas as operações do ramo bancário e aceita depósitos em Contas Correntes e a Prázo Fixo

Serviço de Administração de Prédios, Guarda de Títulos e Valores. Cobrança de Letras e Coupons de Apólice

Correspondentes em todas as praças do País e Extrangeiro

Gerente : *Jayme Ferreira dos Santos.*

A AMBIÇÃO E O IDEAL DO POVO É O DINHEIRO  
PORQUE NÃO PROCURAM

**A CONFIANÇA  
de Mendes & Maia**

LARGO DA PAZ, 402 — Fone 6111

E' a única que pode proporcionar-lhes a sorte

**CASA BORGES**

FABRICA DE PLACAS

End. Tel. : RIBOR FONE 6868

**Oliveira Borges & Cia.**

Placas e artigo esmaltados, gravados em metal, estampados, vasados para marcas etc.

RUA DA CONCORDIA, 800 — RECIFE



# RENOVAÇÃO

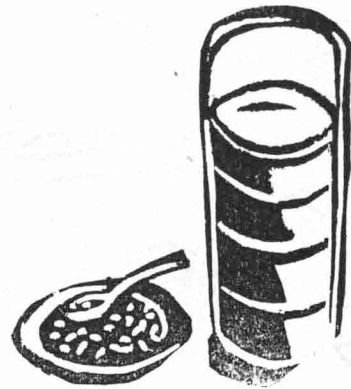
Revestiram-se da mais profunda significação patriótica as festas comemorativas do Cinquentenario da Republica, realizadas em todo País sob a orientação do Governo Nacional.

As solenidades civicas levadas a efeito nos dias consagrados á exaltação dos fatos de maior relevo da história, repercutiram na consciência do povo, convocando a todos os brasileiros para um mesmo preito de justa homenagem á memória daqueles que idealizaram a Republica como forma de Governo capaz de assegurar a continuidade da Pátria, integrada nos principios que informam a nacionalidade.

E nesses grandes momentos de patriotismo e de fé, sente-se crescer na alma da gente brasileira a confiança nos próprios destinos, permitindo-nos fixar o cenário magestoso do Brasil uno, indivisivel e forte que o Estado Novo está realizando, cada vez maior, dentro da grandeza do continente.

# REFEIÇÃO NO TRABALHO

Dr. Luís Chaves



O hábito, a quasi tradição da feijoada com cachaca, do xarque com pirão de farinha, enfim, dessa monotonia de alimentos que dezenas de gerações transmitem ao nosso trabalhador, fizeram-no standardizar sua refeição no trabalho. Ele chama-a de "bode". E é sempre a mesma: ou feijão com farinha e xarque, ou bacalhau com pirão de farinha. Outros fatores também influem para esta alimentação unilateral: a falta de conhecimentos dietéticos; a ausência quasi completa do hábito de economisar; a vida sem método, frouxa, de improviso, que o brasileiro do Norte ama.

Quando não traz de casa o "bode" (marmitta contendo alimentos), faz refeição num hotel de terceira classe.

Geralmente uma "sôpa a brasileira" (caldo de feijão com macarrão ou arroz, e, ossos contendo pedaços de musculos) e metade de um pão. Custa-lhe esta refeição 400 réis. O "chá de burro" (milho cosido em leite de côco assucarado), é outro prato predileto que "engana a barriga" e custa 200 réis. Quando o dinheiro sobra, êle toma uma "mistura" (café com pão ou bolachas). Muitos, contentam-se apenas com 2 "bate-entope" (bolachões pesando cêrca de 50 gramas e que a impaciência dos padeiros, não deixou tivessem uma fermentação completa), e um copo duplo de refresco ou caldo de cana. As papas, filets com batatas e verduras, macarronadas, etc., são pratos reservados a uma elite, quasi a uma classe à parte. Aos que não tomam "bicadas", aos "cheios de luxo", como dizem eles. E são tão poucos os "cheios de luxo"... Nosso operário habituou-se a beber, por um resticio de puerilidade... Como o menino que fuma para mostrar que "é homem" êle bebe e vicia-se para não "fazer feio".

Como acabamos de ver, a refeição do operário no trabalho, é pobre, unilateral, quando não anti-higiênica e exaustiva para os órgãos da nutrição. Trabalha assim, fazendo malabarismo com o metabolismo.

Alimentos sadios, como: batata, macarrão, arroz, leite, legumes, frutas, doces, etc., são tidos como "comida de rico" e não entram na casa do operário, sinão em dias de festas. No entanto, custam tanto quanto o feijão, o xarque e a farinha, que, são também bons alimentos, porém não para serem usados como vício, a vida tôda, todos os dias...

O problema da alimentação dos operários, não é sòmente econômico, é mais, um problema técnico. Não se resolve com economistas, e sim com dictólogos.

Ensinar a selecionar os alimentos, a utilizal-os com o mínimo do gasto, eis sua incognita.

Exemplo de algumas rações que podem ser trocadas pelo "bode":

CALORIAS — 1.240	250 gramas de batatas.
PREÇO — 900 réis	150 gramas de carne.
	½ pão.
	30 gramas de manteiga..
	2 bananas.
CALORIAS — 1.050	200 gramas de macarrão..
PREÇO — 1000 réis	100 gramas de queijo.
	1 ovo.
	Abacaxi ou laranja.
CALORIAS — 1.170	250 gramas de gerimú:
PREÇO — 1000 réis	150 gramas de carne.
	30 gramas de manteiga..
	½ pão.
	Frutas.
CALORIAS — 1.100	250 gramas de leite.
PREÇO — 1000 réis	50 gramas de queijo..
	100 gramas de doce..
	1 pão.

# Banco de Ensaio

GONÇALVES FERNANDES



XIGE-SE dum fabricante de veículos a motor — seja um automóvel, um ônibus, um bonde ou uma locomotiva, que todo o seu material passe por um banco de ensaio, onde tôdas as peças isoladas e o todo em conjunto passem por uma revisão

que assegure ao seu comprador condições ótimas de rendimento e trabalho, deante o veículo novo. Só não se exige é que os homens a quem os veículos vão ser entregues sejam submetidos a uma revisão semelhante: órgão por órgão e o conjunto em função. Todos os empregadores satisfazem-se em os entregar a quem possuía uma caderneta profissional obtida em exame sumaríssimo e, na sua maioria, liricamente teórico ou em condições ordinárias. Quando muito fazem questão dum exame periódico da visão. E acham que com isto avançaram em previdência.

Uma análise psico-mecânica do homem não mereceu ainda entre nós maior interesse. (E falando a êste respeito devemos salientar uma exceção honrosíssima: o sr. Agamenon Magalhães, quando ministro do Trabalho, cogitou da organização dum instituto nacional de seleção e orientação profissionaes. Deixando aquela pasta, a idéia pernancendo animada do seu interesse, foi estudada por uma equipe de técnicos convocada naquele departamento e da qual tivemos a honra de fazer parte. O projeto foi largamente estudado e debatido. De há muito que está definitivamente elaborado. Só o instituto não teve mais o sopro vital que lhe faltou: ao seu animador foram entregues outras tarefas).

As companhias francesas de transportes e de caminhos de ferro não hesitaram em aceitar a orientação dos institutos de psicotécnica quando êstes problemas foram aventados em França. Os futuros agulheiros, maquinistas, motoristas e condutores, todos os candidatos a essas profissões foram entregues a laboratórios de psicotécnica objetiva. E é a S. T. C. R. P., de França,

quem dá a última palavra a êste respeito quando afirma que esta reforma “paga-se a si mesma”. Num só ano aquela empresa economizou um milhão de francos em relação a igual periodo anterior, evitando que indivíduos portadores de incapacidade profissional latente ocupassem os postos de direção dos seus veículos! A curva de acidentes, de indenizações e de desgaste de material baixou como tocada por um milagre. E saindo do campo frio das estatísticas sobressaia-se o inestimável que se pôde representar pelas vidas humanas que deixaram de ser imoladas à incompetência profissional.

Examina-se pura e simplesmente a visão dum motorista... entre nós. Na França, atualmente, para se obter a permissão de conduzir, passa o candidato por um rigorosíssimo exame que compreende, além da rigorosa observação médica, provas do registo de força muscular e fatigabilidade, provas de independência das mãos, de resistência ao automatismo, de determinação do tipo de atenção, reação psico-motora, entre outras. Os candidatos a maquinistas de estradas de ferro são submetidos a iguais metodos de seleção; uma das provas eliminatórias mais interessantes faz-se deante um longo túnel escuro: comanda o examinando em cada mão uma alavanca e seus pés se apoiam em pedais — ao fundo do túnel aparecem cintilações ultra-rápidas de pontos luminosos verdes, brancos e vermelhos entre pontos luminosos fixos. A cada aparição de luz diferente alavancas e pedais devem ser acionados para uma posição determinada e em um tempo ótimo (o emotivo fracassará nesta prova, como o “distraindo”. Apenas êste desastre experimental eliminará um fracasso futuro maior que comprometeria também vidas alheias...). Sob a impressão de luzes cambiantes deverá êle distinguir ruidos diversos, típicos, reagindo prontamente às necessidades do seu veículo. Além de tudo isto, testes tactéis ainda são usados para que evidenciem igualmente perfeita integridade de mais um sentido. Assim, numa série racional, o homem passa por um verdadeiro banco de ensaio que lhe determina suas aptidões, e despista suas falhas, rendendo serviços inapreciáveis às organizações sociais.

# Sindicalismo e Marxismo

Silvino Lyra

**U**M grande nome na história pátria, teve ocasião de afirmar que os séculos se interpenetram. E tanto é assim, que vive-se, inúmeras vezes, em horas presentes, momentos passados que exercem profunda influência em pensamentos atuais quando um espírito muito diferente devia exercer a predominância.

O século XIX, instante em que a cultura humana na sua grande extensão marcou o momento da análise, vive ainda em pleno século XX, na época em que a síntese se delinea em precisas perspectivas.

E quando a evidência dos fatos traduz a diferenciação na unidade, partes se isolam, fragmentando o todo.

Entretanto, essa fase, evidenciável na hora presente, é apenas o traço mercante da transição a um novo cenário de vida.

E' uma noite que morre aos primeiros raios do sol de um dia novo.

⊙

Interrompida a marcha do pensamento pela letargia em que mergulhara o espírito mercê de sua profunda abstração, consequência da sugestão que lhe causara a majestade de suas criações, ela recomeça com todo o seu dinamismo permanente em busca da perfeição absoluta, que lhe assegura mobilidade perene e constante evolução.

Nessa continuação de jornada, se recompõem os cenários e reaparecem fulgurantes, as idéas até então envolvidas pela escuridão da noite.

Forças dispersas confraternizam, energias em potencial se movimentam e as idéas se sucedem, e como energias e forças que se renovam, provocam a permanência dos acontecimentos, evitando a estagnação das idéas que se materializaram.

Evoluem, e a sua adaptação aos momentos históricos nas suas diversas circunstâncias, reflete a permanência do fenômeno das "revoluções". (1)

Confirmando esse pensamento, hoje os fatos pretéritos se renovam, atendendo aos anseios angustiados d'uma época, cheia de rumores os mais descontraídos.

O predomínio do pensamento ARISTOTELICO-TOMISTA resuscita o CORPORATIVISMO como uma imposição lógica e irremovível do século do rádio, do zeppelin e da televisão.

Século que, após o domínio do homem no mundo das ciências físicas e naturais, mostrou-lhe o equilíbrio constatável na "harmonia dos contrários."

E "quando a química e a astronomia se confundem através da unidade infinita dos átomos," da misteriosa gravitação dos íons toma forma a diferenciação da unidade, projetando a "velha verdade de ARISTOTELES" como o facho de luz a orientar o mundo combalido e inquieto.

A mentalidade humana, outrora confusa pela extensão periférica dos seus conhecimentos, enraiza-se na verdade, busca a profunda, procura orientar-se num sentido verticalista, tendendo a transformar-se desde a substância.

⊙

A experimentação e o critério científicos, deslocaram o homem, porém o contacto com a realidade e a análise dos acontecimentos que lhe perturbaram o seu ritmo orgânico, traçou-lhe um sentido novo ao seu caminho.

⊙

Traçadas de leve as fases diversas da vida social de um século para cá, não será extemporâneo fixar em alguns traços, a origem e a evolução do sindicalismo corporativista.

Buscar suas origens mais remotas e separar o "joio do trigo" na confusão de idéas que grassa ainda nos espíritos, é o fim deste ensaio.

O SINDICALISMO, conjunto de funções, forças e finalidades tomou corpo na história, e por força de ser estrutura doutrinária, orientação e meio de chegar-se a uma forma de equilíbrio social, subordina-se à Ética.

E não se diga da existência de um Sindicalismo fechado às influências exteriores, ou de doutrinas outras que tentaram orientar o espírito humano. Tem razão pois, Sergio Panunzio, em afirmar que não existe um Sindicalismo puro.

Esse conjunto doutrinário, de teleologismos os mais diversos, surgindo como uma necessidade de ambientar e defender o operário à associação, no início com intentos de realizar a produção, geri-la, superintendê-la enfim, eivou-se do espírito de Proudhon a Pelloutier e Sorel.

Porém, como idéa e por consequência força em potencial, realizou o movimento e consentiu se inoculasse em sua essência, as inovações impostas por outros pensamentos, fenômeno constante, quando possuidores de corpo de doutrina superior.

Originário da máquina, da super-produção e do desemprego, o Sindicalismo nos seus primórdios, foi o próprio grito de angústia do proletariado, quando o mundo analítico do décimo nono século, tornou imprecisa a situação do homem, diante da liberdade conquistada e que o escravizara, pela sua pequenez e impossibilidade de caminhar sozinho.

Não se pôde dizer seja o Sindicalismo ou o Sindicato, filhos de história oriental, grega ou romana. E' fato, entretanto, ter com a associação medievalista algum parentesco, porém sem grande afinidade.

O mais positivo, é buscar-se a sua filiação no ambiente formado com a entrada triunfal da máquina na vida do homem, que originou o industrialismo, estabelecendo a associação psicológica e voluntária consequência lógica da integração do operário na grande massa obreira.

Resalta esse acontecimento a identidade do Sindicalismo com a cidade e a sua grande distância do campo, onde apenas o tem projetado o espírito imitacionista.

Como uma resultante da associação voluntária, é que se projeta o Sindicato como forma social, "mecanismo técnico", um fenômeno sociológico como sociedade profissional ou grupo econômico, simples expressão quantitativa e não qualitativa.

O Sindicato é assim fato concreto, idéa transformada em fato, e constitui mais uma finalidade do que um meio.

São precisamente esses aspectos, que provocam a diferenciação notável entre o Sindicalismo e o Sindicato.

O primeiro é o caminho, a orientação, a substância, enquanto o segundo é a forma, o fato, a idéa materializada, um fim imediato e um meio também.

"E' do Sindicalismo que se chega ao Sindicato e não deste áquele."

O Sindicato, por conseguinte, quanto à sua formação e movimentação, sofre a natural influência do espírito que se lhe foi impregnado, bem como do caminho palmilhado à sua efetivação como "movimento abstrato e puramente lógico".

O Sindicalismo é movimento real e idéa, e como movimento, evolue.

O Sindicato, ao contrario. E' fato, tende a parar, estagnando-se, se doutrina superior não lhe supere, ocasionando-lhe movimento real.

O movimento sindical é portanto paradoxal, pois, como ficou dito, supõe reunião de massa exclusivamente. Para fugir ao movimento abstrato, é mister lhe seja inoculado o dinamismo real de um pensamento, capaz de suplantar a força que lhe gerara.

⊙

Surgindo o Sindicalismo nos primeiros decínios do século passado, foi como movimento real, naturalmente tendencioso e quando reconhecida a superioridade das doutrinas

(Continúa na pagina 22)



TANGA EM TERRA - COTA

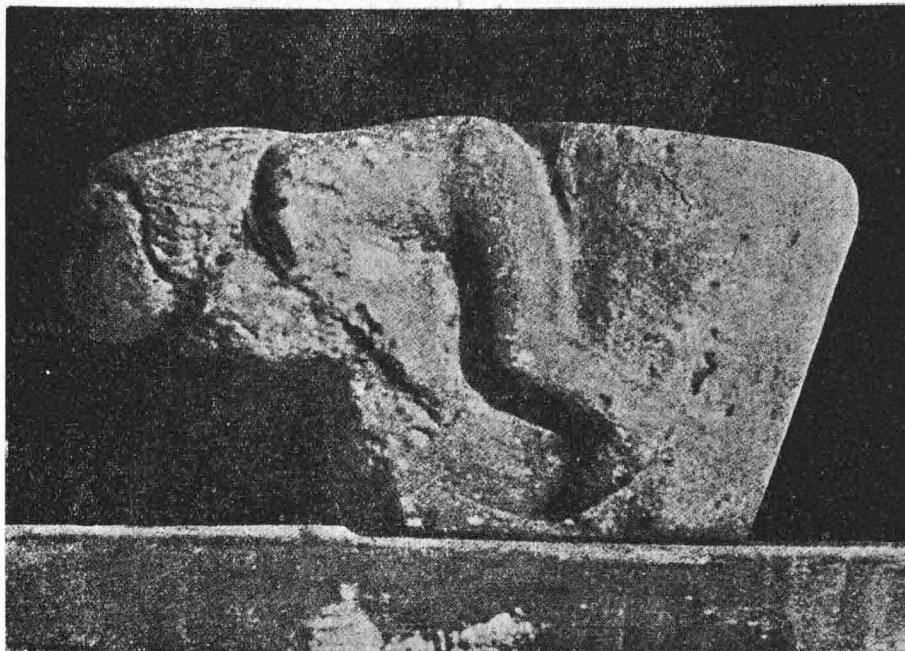
MARAJO'

## ARTE E POESIA DOS INDIOS DO BRASIL

GEO-CHARLES

**A** ARTE e a poesia dos antigos habitantes do Brasil não obtiveram, na Europa, o renome dos círculos indígenas do México e do Perú, nem a do círculo africano. Entretanto a singular beleza da tradição amazônica, a importante bibliografia que lhe foi consagrada do XVI século aos nossos dias, as coleções expostas em alguns Museus (em particular nos de Rio de Janeiro e de Goteborg na Suécia) tornam surpreendente essa carência. Com efeito é, até hoje, no domínio especial das ciências que a bacia amazônica forneceu a matéria de uma literatura que se revela extremamente interessante nos limites próprios mas deficientes, naturalmente, desde que aborda a arte e a poesia (1). Os indígenas do Brasil não nos legaram vestígios arquitetônicos — cidades e templos que pasmaram a Cortez no México, pirâmides, palácios, terraços, estradas — semelhantes aos edifícios dos Tolteques e dos Incas. Em compensação nos deixaram, sob uma forma antiga ou mais recente, uma arte escultural (pedra, madeira, argila), uma arte religiosa e funerária da cerâ-

mica; da máscara e do costume, uma organização decorativa e os adornos os mais ricos que existem na arte do cesto, na arte da plumagem, e toda uma fabricação de objetos usuais e guerreiros, belos dessa perfeição submissa às leis do princípio da utilidade que defende, de um modo tão convincente, Blaise Cendrars, em um capítulo de seu livro: "Aujourd'hui". Classifico essa arte entre as maravilhas plásticas mais puras que meus olhos depararam. A poesia desses indígenas é pouco conhecida, porém não é menos bela. A tradição local, mesmo a dos mestiços e do folclore geral, conservou-na assim como as relações, desde os primeiros dias da descoberta, dos exploradores, dos religiosos e de numerosos escritores brasileiros e estrangeiros. Esses círculos religiosos, mitológicos e siderais, esses contos de origens e essas fábulas, essas espécies de pantomimas ou dansas e recitativos são paramentados de uma poesia infantil, natural, cruel, aterrorizada, cáustica ou simplesmente feliz, como a vida... Ali domina o deus Tupam, ali circula o ouro efervecente de Guaraci, o sol



ESCULTRA - ARTE AMAZONICA (Foto Monteiro)

animador dos viventes, os reflexos da doce Jaci, a lua, mãe dos vegetais e Rudá, o fecundador, o Amôr. Gênios, espécies de divindades silvestres, marinhas e fluviais, e um fantasma temível, o Irupari, são pretextos a um aglomerado de contos. Não conheço nenhum mais lindo do que os da Iara, a ondina, tão insinuante, cruel e formosa como a Lorelei de Haine e de Apollinaire, ou os da Maiandena, a cidade encantada, e a criação da noite. As fábulas onde a tartaruga, a onça, o macaco, são os principais personagens, cheios de humor e de sabedoria prática. Em várias narrativas encontramos vestígios do dilúvio.

Julguei útil estabelecer êstes esclarecimentos, que completarei mais adiante por uns rápidos quadros da paisagem brasileira. Eles esclarecerão nossas descrições sôbre a arte dos índios.

É no norte do Brasil, na ilha de Marajó, que foram descobertas, depois de 1870, no seio de alguns montículos, as mais lindas cerâmicas.

A primitiva população da grande ilha de Marajó, situada na foz do Amazonas, não muito longe das Goianas, pertencia, provavelmente, á raça Aruak e suas tribus viveram na Amazonia e nas Antilhas. Esses índios possuiram uma arte muito superior no lineamento, por exemplo, à dos Incas e dos Aztecas.

Evoco em particular suas urnas funerárias de forma humana. Elas se aparentam às vezes com a arte egípcia ou grega-arcaica. Seu contôrno agudo ou pan-

sudo é sempre harmonioso. Os corpos sugerem formas de crianças enfaixadas; outras urnas têm por ornatos braços e pés estilizados. As mascaras aparentam-se quasi à egípcios ou à corujas. Impressionista, o nariz, sobrancelhas, olhos, a boca, os seios fundem-se na massa às vezes, ao contrário, acusam nitidamente suas arestas. Na mór parte, esses vasos formam um conjunto, metade animal, metade homem. Essas urnas-esculturais, de flancos sempre decorados e pintados, são admiráveis. Os outros vasos, pintados igualmente em branco, vermelho preto e em ocre, apresentam, geralmente, uma forma pansuda, gravado em decorações as mais diversas. Os Índios se inspiravam sempre no mundo animal que vivia também na sua mitologia e nas suas fábulas, bem assim no rosto humano, estilizados. Na decoração, os reptis, os saurios forneceram as cadeias de losangos e de cressentes. Os pássaros, os vôos rápidos esquematizados nos perfis dos vasos. Os vegetais e os minerais fôram também aproveitados.

Entre as mais curiosas ornamentações, evoco as frizas d'olhos, de nariz, de bôca, de combinações em escalão, guirlandas girando em tórno dos vasos, pássaros, marrecos, serpentes... ou decorações dos índios modernos, vermelhas e brancas, traços das vagas nas quais Raoul Dufy parece ter-se inspirado. Descobriram também, na ilha Marajó, as mais lindas tangas gravadas em terra cota, que usavam as Índias em certas festas. Si os habitantes da ilha Marajó se impuzeram como os mestres incontestáveis na arte das urnas e da decoração, outros índios os igualaram e às vezes os ultrapassaram noutros dominios.





IDOLO EM TERRA-COTA [Foto Monteiro]

Citarei duas maravilhas do gôsto indígena: a arte das cêstas e a da plumagem. A arte da cêsta que foi, certamente, a primeira indústria, deu origem a combinações infinitas de beleza, de variedade e de utilizações. Quanto aos adornos de penas, os Mundurucus, por exemplo, atingiram a uma perfeição que ultrapassa os motivos das azas nas quais se inspiravam e as nossas "plásticas" européias as mais fulgurantes. Quanta beleza irradiada dessas estrelas, desses manteletes, dessas toucas, desses graciosos diademas das festas da puberdade, dos colares, das pulseiras de plumagens multicôres para as quais contribuíram o ibis, o tucano, o arara, o beija-flôr. Algumas peninhas são ajuntadas como ramalhetes de violetas. Ora esses Mundurucus formavam uma população particularmente corajosa e guerreira. Era ela que criava com a maior habilidade esses belos e macabros troféus de guerra: os crâneos-trombetas, as cabeças dos inimigos reduzidas e mumificadas, floridas, adornadas às vezes, como as cabeças dos vivos...

Desde a segunda metade do XVI.º século, Montaigne consagrou aos Índios do Brasil um notável capítulo dos seus "Essais" (cfr. Capítulo XXXI: "Des Canibales", livro 1.º).

Além da relação muito aprofundada sôbre os usos e costumes e da "poesia" dessas tribus, Montaigne de-

monstra uma compreensão muito aguda de seu "espírito" e mofa daqueles que chamam de barbaria tudo que foge aos seus costumes. Estudando os seus métodos de combates, Montaigne diz muito acertadamente que os Índios se revelavam mais nobres do que os europeus e conclue: "Sua guerra é nobre e magnânima, e tem tanta excusa e beleza quanto a essa doença humana se possa atribuir".

De quem Montaigne obteve esses detalhes? De um desses homens "que tinham passado uns dez a doze anos nêst'outro mundo que foi descoberto, em nosso século, no lugar em que Vilegaignon tomou posse da terra, que denominou "França Antartica?"

Todavia, temos melhor. Montaigne, aproveitando da chegada de três Índios que "foram à Rouen no tempo em que o falecido Carlos Nono era rei", fez "entrevista" simplesmente com um chefe entre eles. Tenho precisamente sob os olhos uma gravura reproduzindo várias atitudes dos Índios e extraída do livro: "Uma festa brasileira celebrada em Rouen em 1550".

As dansas tinham papel preponderante nas cerimônias indígenas. Quasi sempre os dansarinos usavam as mascaras que, no Brasil, fôram as mais originais que tenho contemplado. Algumas são fucinhos malhados e cornudos, coloridas; outras representam cabeças de



ÍDOLO EM TERRA-COTA PINTADA

onças, cabeças humanas e típicas. Elas se completam — as dos pagés, por exemplo — por uma vestimenta de peles, de couro ou fibras, lindamente desenhadas com motivos coloridos.

Estas cerimônias eram seguidas de recitações acompanhadas por uma música monótona, ou pela mímica; representavam a história tradicional das tribus que na maior parte eram religiosas. Uma das mais curiosas reproduzia os gritos, gestos e atitudes dos bichos como a sucuriú (cobra d'água), do tamandaré, do tamanduá e do tatú. E a cerimônia da puberdade tão importante e de lindos ornamentos?!

Além dos ídolos femininos e masculinos ou bissexuais, dignas de relêvo são as curiosas bonecas, bonecas-fetiches, espécies de *phalus* trazendo todos os atributos da procreação da vida e as esculturas em pedra, sempre rituais, representando homens, pássaros, peixes, de uma arte notável.

A natureza sulamericana, cheia ainda da lembrança de seus filhos libertos, ali onde eles desapareceram (nomes de localidades, paisagens, animais, mestiços de rosto moreno e levemente mongoloide), explica e corrobora pelo seu brilho e seu mistério esta arte e esta poesia que nos esforçamos em fazer sentir nestas páginas. Pobres índios martirisados na escravidão contra a qual sempre reagiram, de tal forma que foi preciso importar os negros d'África. Sobre estes índios martirisados e mortos pela exploração europeia dos vãos Eldorados, Montaigne tinha bem profetizado quando escrevia: *dê-se comércio nacerá sua ruina...*

Meditava sobre tudo isso, melancolicamente, numa excursão ao Norte, onde reconstituía a descoberta do Brasil e seus primeiros estabelecimentos europeus, perto do cabo de S. Agostinho, descoberto pelo Espanhol Pinson, a 24 de abril de 1500.

Por uma estrada de barro rachado apenas traçada, dirigiamo-nos para o Cabo, entre uma vegetação enca-



MASCARAS DOS ÍNDIOS TICUNA

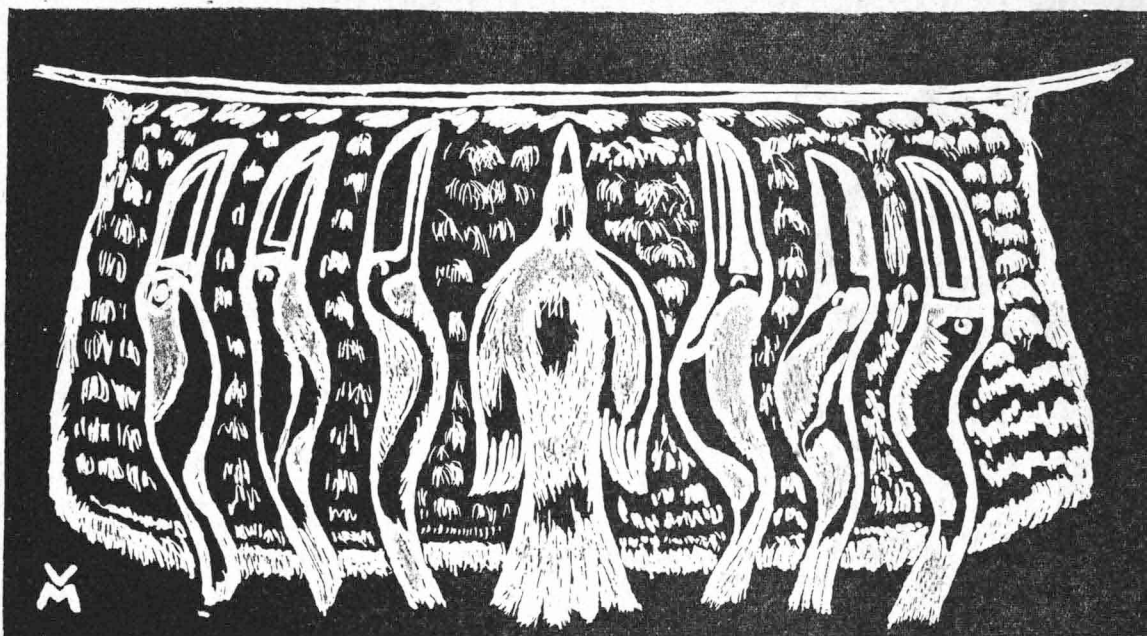
rapinhada, de onde surgia, de quando em vez, velhas e enormes árvores, largas como casas. Ao longe o Ipojuca, sôbre o qual na vespera eu tinha acompanhado uns amigos, numa caçada de capivaras que infestam aquelas paragens, ostentava seus meandros. Atingimos o Cabo descendo ao longo de um desfiladeiro vermelho e arroxeadado. Árvores sêcas erguiam-se. Urubús negros planavam. O pássaro-palmeira alevantava-se nos ares. Por detraz de latadas de galhos sêcos como ossadas, as flôres em terra cota continham, às vezes, joias vivas: os beija-flôres.

Em frente, estendia-se o oceano azul, sem limites. O rochedo antigo descoberto por Pinson lânguecia ali. Sômente um farol moderno e branco erguia-se no morço. A mandioca de pé sôbre o seu pedestal de terra,

a bananeira fendida em ouro desbotava na luz e os mandacarús de flancos tecidos arrepiavam-se de espinhos e se contorcia, cobra chata.

Num passeio à Igarassú (do dialeto indio Igara, barca e assú, grande), primeira cidade fundada em 1535, que os índios batisaram assim desde o dia em que viram navegar sôbre o rio as embarcações portuguesas, de vez em quando ao longo da praia, um nativo corria, curvando-se sob o peso de um ramalhete de peixes coloridos de vermelho ao amarelo canário...

As noites das solidões brasileiras são mais lindas e explicadoras do que o dia. À noite, os vagalumes invadem o espaço. Os arraias transformam-se em campos de estrelas líquidas. Passamanes diamantinos se entrelaçam a tôda velocidade, e se escapam ao encon-



SAIÓTE DOS ÍNDIOS TICUNA

tro das luzes fátuas e dos clarões ardentes. O incansável canto das cigarras, as flautas dos sapos e o canto do sapo-boi, como um latir de cão, erguem-se... A lua enorme parece ao europeu um astro novo, que se adorna de largos cabeções laranjados e azulados de nuvens, e depois com um maravilhoso e redondo arco-íris!

A doçura é vêr, ao amanhecer, os ocres argentíferos espargirem-se sobre o rancho amigo, e as borboletas grandes como pássaros, viajar no sertão onde habitam a cascavel, a rapôsa vermelha, a onça, e os jacarés, ouvir mil gritos de animais, encantadores e ridículos, beber água de côco, enquanto um pássaro vermelho belisca vidrilhos amarelados de uma árvore e seus parasitas enrolados, como cordas. O sol dos índios revive na palma resplandecente.

Foi nessa atmosfera que nasceram as figurações da arte e da poesia indígenas. Os motivos decorativos colhidos dos vegetais e dos animais, eu os encontro na lenda onde o deus Tupan recola o jaboti que o malvado

urubú deixa cair do céu, o que explica a origem de seu casco mosaicado; o mistério e as metamorfoses eu as encontro nessa outra lenda: A criação da noite que dormia no fundo das águas e na história do pássaro Maguari, que queria matar o sono.

É com saudades que termino essas linhas, porque apesar dos longos meses de estada e de estudos não me cansei quanto à interpretação de uma arte e de uma poesia cujos motivos são derivados dos arcanos de uma maravilhosa Natureza.

Geo Charles

(1) — Raras são as obras recentes que as respeitaram. Podemos citar entre elas as "Légendes, croyances et Talismans des Indiens de l'Amazone", ilustradas por Vicente do Rego Monteiro. "Les Mythes et légendes", transcritas de um modo um tanto neutro por Gustavo Barroso e, no domínio científico, "L'Archéologie du bassin de l'Amazone" pelo professor Nordenskiöld.

## Publicações

### NEUROBIOLOGIA

Está em circulação mais um número de NEUROBIOLOGIA, a excelente revista que a Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do Nordeste edita para todo o país. Ocupando uma posição singular entre as publicações científicas brasileiras, NEUROBIOLOGIA apresenta no seu número 3.º do II tomo o seguinte sumário: Silvio Rabelo — A ORIGINALIDADE DA PSICOLO-

GIA; Nelson Pires — OS MECANISMOS DE DEFESA NA NEUROSE OBSESSIONAL; Alvaro Ferraz — A IDADE NA FORMAÇÃO DOS CONTINGENTES MILITARES; Gonçalves Fernandes — AS RELIGIÕES NO BRASIL; Antônio Couceiro — UM PROCESSO NOVO PARA APLICAÇÃO DO MÉTODO DO SUBLIMADO OURO EM TECIDO NERVOSO FIXADO EM FORMOL; Alcides Benício — SOBRE O PREPARO DO OURO COLLOIDAL EM PARTICULAR PELOS MÉTODOS DE BORSKAYA e PANCANTI; RESENHAS E ANALISES; e NOTICIÁRIO.

# A Arte pela Arte e o Parnasianismo

Por CRÉSO TEIXEIRA

**A** TEORIA da arte pela arte trouxe em si, no domínio da poesia, um convite a voltar aos clássicos. Foi a idéia que partiu de Teófilo Gautier. Os românticos tinham caído no exágono de sentimentalismo. O subjetivismo nada mais tinha a dar. Era preciso uma nova orientação. E essa reação, na poesia, foi desfechada pela plêiade que, em Paris, colaborava no "Parnasse Contemporain".

A forma, a impersonalidade, a impassibilidade é que interessam agora. O subjetivismo tende a ser substituído pelo objetivismo. E dêsse modo a primeira pessoa quasi não se emprega mais.

Todavia, não são as escolas que traçam, como muitos presumem, as diretrizes e os limites da criação artística. "Tudo o que se pode formular em preceito, diz Ramalho Ortigão, cessa de ter valor em arte" (1). Esta é, na expressão de Licínio Cardoso, o "resultado da apreensão sentimental ou emocional da verdade" (2).

Com efeito, a tendência de todos nós é para crer no objetivismo da realidade. Não atentamos em que as coisas serão para nós o que elas conhecermos. Ademais, podemos assegurar que o mundo objetivo é, de fato, este que se nos apresenta? E' certo que fora de nós reside pelo menos a origem, a causa das nossas impressões conscientes. Mas nem mesmo essa causa conhecemos bem. Tal como é, pensa Abel Rey, a percepção exterior será forçosamente relativa, e de um certo modo subjetiva... E mais adiante: "A maneira pela qual nos apresentamos os objetos exteriores pode estar ainda muito longe da verdadeira natureza desses objetos" (3). Daí, talvez, Comte definir a arte como a idealização do real".

Parte do que percebemos está, pois, em nós mesmos. O próprio Zola dizia ser a obra de arte uma faceta da natureza percebida através de um "temperamento". Kant chegou mesmo a afirmar que a nossa verdade não é verdade.

De fato não é possível conhecer uma crítica, um juízo sobre o mundo extrospectivo, real, sem que essa apreciação seja impressionista, introspectiva, portanto. Renan, Anatole, Lemaitre, devem estar com a razão. "On juge bon ce qu'on aime", como asseverava este último.

De certo, não resistirá a uma análise mais detida, a crítica científica pregada por Brunetière. E' até um pouco irrisório falar de criticar um livro como quem disseca um cadáver. Pois a crítica não pode sair de nós mesmos um instante. Está em nós, como, em parte, a obra. E até porque, como pondera Delgado de Carvalho, a regra suprema da arte, regra moral e social, é a sinceridade, o formalismo tornando-a artificial (4).

Tudo, pois, depõe contra o excesso dos parnasianistas que tentaram aproximar a poesia das artes plásticas. O poeta não deve ser apenas um sinzelador do verso, adstrito servilmente a um conjunto de regras. Sem liberdade de ação, não pode haver arte. Os parnasianistas, que sacrificavam as idéas pela forma, foram assim menos artistas que os românticos e que os simbolistas. Fugindo do idealismo em busca da realidade, foram cair no artificialismo, na frieza marmórea de versos sem alma.

O que caracteriza a arte é, sobretudo, a emoção. A inspiração por sua vez não é mais do que uma exaltação do sistema nervoso. E sinal de vida quasi não encontramos entre os parnasianistas. O alexandrino deslumbra, mas não comove. Impressiona os olhos do corpo, mas se não revela aos olhos do espirito.

Nem mesmo aproximando a poesia da pintura e da escultura, o alexandrino merece foros de arte. Subordinado às peças da escola que o ditou, falta-lhe aquela correspondência exata e necessária, de que nos fala Taine, e que se encontra

sempre entre uma obra e seu meio. (5) E' a arte como função do meio. A literatura como produto da sociedade.

Os teóricos da arte pela arte despiram-se, assim, das mais imperiosas obrigações para com a arte. Daí, talvez, a opinião de alguns críticos franceses reconhecer na expressão "l'art pour l'art" uma frase vazia, sem sentido. E na poesia, que é a música da alma, esta frase só teve uma consequência: — tirar do verso a emoção que o inclúe, segundo Hegel, entre as artes da palavra.

"Deixai-o abandonar-se, — dizia Taine, referindo-se a Michelet, — deixai-o abandonar-se à sua sensibilidade exaltada, à sua simpatia apaixonada, à sua emoção nervosa". (6) E a autoridade de Taine não merece suspeição.

Um grande poeta deve expressar o pensamento coletivo no tempo e no espaço. E quando essa manifestação própria representa a cultura do meio ambiente, estamos diante de um gênio.

Achava Tonnellé que o verdadeiro artista não vê a realidade tal qual ela, é, mas tal qual ele é (7). E é essa de certo, a causa da raridade dos gênios, que representam verdadeiras sínteses de civilização. Goethe dizia que os pensamentos, e os sentimentos, que vez por outra surpreendem o poeta, exigem e devem ser expressos. Não é, pois, por ser subjetivo que o poeta deixa de ser a voz de um povo ou de uma civilização. Mas por isso mesmo é que poderá a um tempo ser intérprete de si e do meio de que saiu.

"L'art — observa Leonardo Pena — est la réalisation de tout ce que nous n'osons essayer dans notre vie fugitive" (8). Pecaram assim os parnasianistas procurando no mundo uma coisa que estava em si.

Lecante de Lisle, o mais profundo dos parnasianistas, recomendava aos discípulos a escolha escrupulosa do seu vocabulário, dando à idéia, sempre, a melhor indumentária. E o resultado era sair, como da oficina, um verso metálico que retinha enquanto a emoção calava.

Mas a obstinação da plástica, do trabalho esmerado do verso, tornando-o rígido, material, a obsessão do ritmo, da impassibilidade, do *non-réalisme*, do vocabulário, da não conformidade, em suma, entre o que se sente e o que se diz, tudo isso já tinha atingido o limite de tolerância. Não podia perdurar por mais tempo. Passou, como passara o romantismo. E veio o simbolismo, como "un retour à la simplicité et à la découverte de la vie" (9).

Tratava-se, como dizia Gustave Lanson, de "la phrase souple, compliquée, dissonante et musicale" (10). E Varlaïne, o mais fascinante dos simbolistas, para quem o verso era "la chose envolée", clamava aos quatro ventos: "Não me interessam as côres, só me interessam as nuances".

Foi Rimbaud o precursor dêsse movimento que queria substituir a palavra pelo som. E "já em 1860, escreve Gricco, o arguto Sainte-Beuve profetizara o advento de uma poesia que deixasse o leitor colaborar com o autor, fazendo-se também ele poeta por conta própria". (11)

De fato, são conhecidas aquelas correspondências que Henri Regnier pretendia haver observado entre os sons, as côres e os perfumes. A preocupação dos simbolistas era "encerrar um dogma num símbolo". Não devemos chamar as coisas pelo seu nome, proclamavam, mas por meio de um "todo de idéas". E recorriam, para isso, às idéas sugeridas pelas relações de atributos, isto é, às associações por semelhança, tão próprias do espiritos bem dotados. E por isso os simbolistas foram mais poetas: — a serviço do belo, que é a verdade na arte, recorreram com mais frequência à imaginação creadora.

Aliás, o simbolismo surgiu com a própria poesia. Não houve, pois, nenhuma inovação. Apenas, como assevera John Macy, os poetas franceses "passaram a usar conciente-

(Continúa na página 27)

# A Autoridade com o senso de Cristo

DEBORA DO R. MONTEIRO

**S**i aos trabalhadores, aos operários, aos empregados, a todos os que são "sujeitos" dão-se aqui e ali conselhos, sobretudo exemplos, que os levam à insubmissão e à revolta; muito melhores sugestões, regras e exemplos lhes podem dar as autoridades humanas sob o domínio perfeito de Cristo Senhor. Pois é exato que a "boa" autoridade possui um tal espírito de ordem e de paz, e senso das suas responsabilidades, que dirige a irradiar esse espírito e senso, e a fazer cada um compreender o seu papel, ter a inteligência dêle, disciplinando-se as vontades, não se esquivando ninguém à sua missão e cumprindo-a conscienciosamente.

Grandes, potentes em verdade são as autoridades humanas, os poderes da terra submetidos a Cristo do Senhor, ao poder de Deus: tanto a autoridade suprema das nações, como a que governa as cidades, a que rege as famílias, a que domina nas sociedades políticas e civis, a que preside numa congregação e numa comunidade religiosa.

A autoridade humana é participação da autoridade divina.

A Santíssima Trindade creou os pais da humanidade depois de, em conselho, haver dito a si mesma: "Façamos o homem à nossa imagem, para que mande e governe toda a terra". (ênesis 1, 26).

## CONFLITO

Gabriel Maurício

Os meus olhos não choram mais  
 porque todas as lágrimas transbordam  
 dos olhos das mulheres polonesas  
 e das crianças órfãs da China.  
 Em meus ouvidos guardo o grito de terror  
 dos meus irmãos que se entredevoraram nas trincheiras  
 na defesa de uma felicidade  
 inexistente...

No meu coração há o grande desejo  
 de que cessem todas as hostilidades do universo  
 para quando a poesia voltar ao mundo  
 me encontrar acariciando os cabelos  
 de minha amada,  
 agora, ausente.

*E' em consequência necessário que os poderes da terra, cuja função social é tão relevante, sejam submetidos ao poder da Divindade. Para não mentir a sua origem. ("Bom sangue não mente"). E porque assim obrando fazem como Cristo que, Enviado, para no mundo reinar, — herdeiro de todo o poder e independência do Padre — sempre mostrou docilidade em seguir a sua Humanidade a direção da Divindade.*

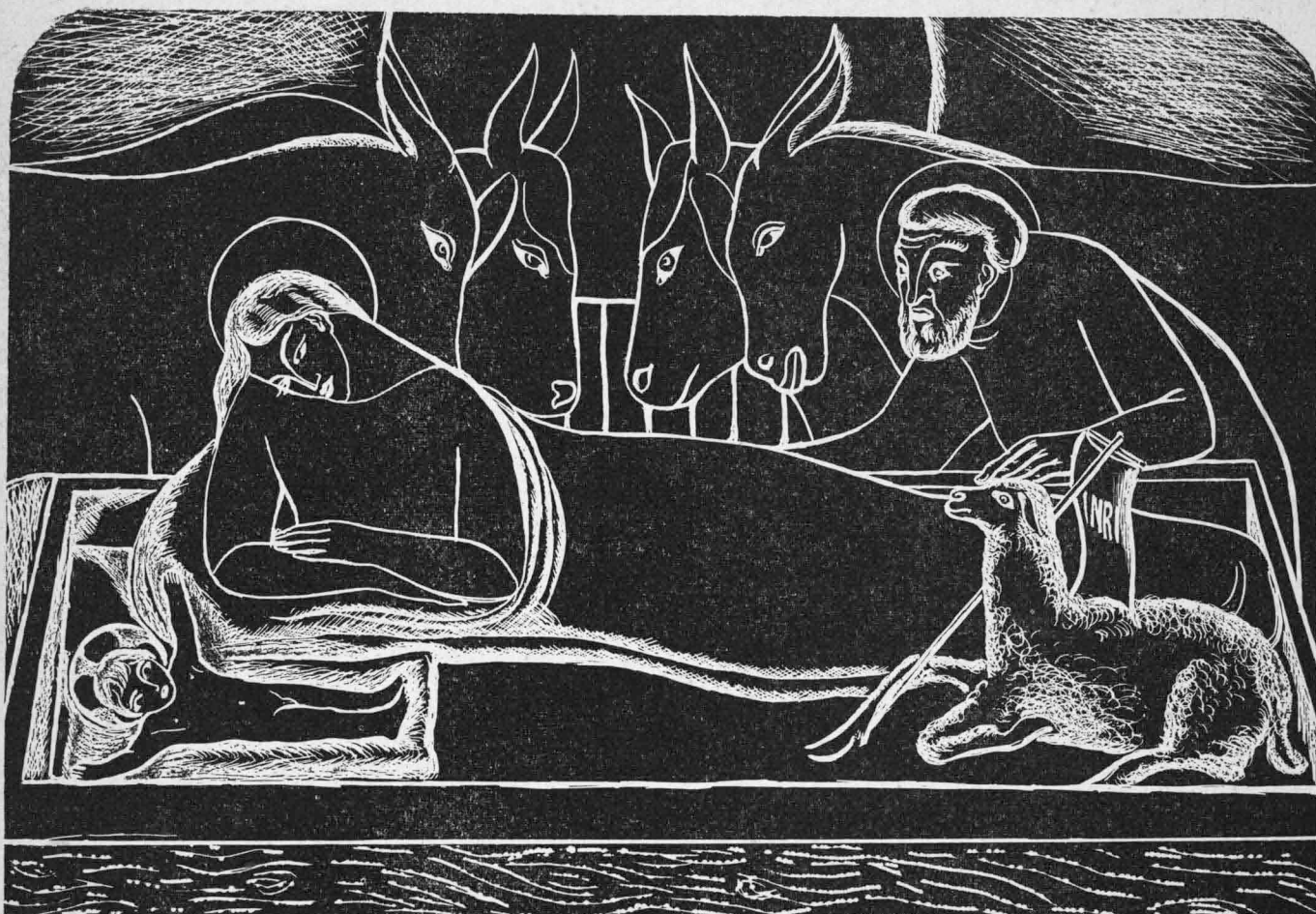
*Ora isto é em verdade exercer grande e potente autoridade, concorrer para o estabelecimento do império social de Cristo: é com o senso de Cristo governar, fecundar, fazer obedecer; pelo senso de Cristo em constante efusão instaurar tudo em Cristo.*

## DUAS HISTÓRIAS

Carlos Monteiro

Quando eu tinha seis anos  
 Olhei uma vez  
 Bem para dentro dos olhos  
 Da minha mãe preta  
 E a minha sensibilidade de criança  
 Descobriu neles  
 Tanta tristeza silenciosa  
 Que me impressionou profundamente  
 E eu perguntei por que a mãe Maria  
 Nunca sorria, era sempre triste...  
 Então meu pai me contou  
 Uma história muito comprida  
 Do início de todas as coisas.  
 Que a mãe Maria era triste assim  
 Porque o Criador  
 Havia feito a sua alma  
 Com a tristeza que colhera  
 Nos olhos de um cégo...

Mas si hoje uma criança me perguntar  
 Por que nunca viu um sorriso  
 Nos lábios murchos da mãe Maria,  
 Não mais contarei aquela história...  
 Direi que ela também já foi alegre  
 Como os passarinhos  
 Que voam livres pelo espaço  
 Mas que a maldade do homem branco  
 Engaiolou para sempre a sua alegria  
 Nos porões imundos  
 Dos navios negreiros...



## NATIVIDADE

No ventre da Virgem mãe  
Encarnou a divina graça  
Entrou e saiu por ela  
Como o sol pela vidraça.

Essa quadra popular sobre a divina concepção, de grande beleza espiritual, justifica o divino prodígio, porque, melhor do que o sol, Deus pôde entrar e sair deixando Maria virgem como dantes o era.

Maria, porta do céu pela qual Deus veio sobre a terra, contempla Jesús, gota d'agua que contem o oceano.

Os primeiros adoradores do Menino Jesús foram os animais do estábulo. Até então os homens tinham adorado burros, bois e bezerros, por sua vez os ídolos dos homens adoraram o rei dos reis.

V. M.



Monteiro

# Azas, Azas Para o Brazil

Por ARLINDO AMORIM PONTUAL

**E**m 1.º de Novembro de 1936, o major Neto dos Reis, terminava um artigo publicado em "Azas", com o título acima, dizendo:

"Terra de fcaros! Terra de Santa Cruz! Clamam a terra, os mares, os rios, os ventos, enquanto rastejamos pelo solo. E' tempo de erguer o olhar e contemplar no azul que se reflete em tua bandeira a trajectória retilinea das estradas invisiveis, nas três dimensões de quinze quilometros de altura e a imensidão do globo.

E' tempo de compreender o sacrificio de teus mártires, cujo exemplo a nossa fé revive a cada instante. Que respondam as falanges do Brazil redimido".

De lá para cá a aviação tem progredido no Brazil, porém, muito mais deveria ter progredido, e muitissimo mais terá que progredir.

Essa afirmação não nos deve deixar pessimistas e desanimados, mas, cientes da realidade devemos trabalhar fortemente para dar "Azas ao Brazil". As grandes vitórias só se obtêm quando grandes são os obstáculos a serem vencidos.

Brasil! terra de Gusmão, Santos Dumont, Severo, Ribeiro de Sousa! Desejariamos orgulhar-nos, pelo menos de sermos a primeira potência aeronáutica da America do Sul.

Não podemos entretanto ficar a lamentar a situação. Devemos reconhecê-la e procurar reparar-la.

A aviação mais pesada do que o ar pode ser preliminarmente, dividida em militar e civil. A aviação militar é formada pelas forças aéreas do exercito e da marinha. A aviação civil pode-se dividir em comercial e esportiva.

E' necessário, para se dar "Azas ao Brazil", aumentar, multiplicar constantemente as nossas esquadrilhas, não somente em quantidade e material, mas principalmente em eficiência, qualidade e pessoal. O Brazil é um dos países que maior litoral e território possuem. E sendo assim, uma poderosa aviação será fator importantissimo da sua defesa. A guerra que ai está, prova constantemente a importância decisiva da aviação quer no ataque, quer na defesa.

E' preciso dar "Azas ao Brazil" fundando companhias nacionais de transporte aereo, fazendo a penetração para o interior, servindo tôdas as suas cidades. E para que o Brazil possa vôar em azas próprias, azas que nasçam em seu corpo e não azas compradas e adaptadas, para isso é preciso que se formem os engenheiros aeronautas, operários especializados e ergam-se as fábricas. Não para produzir aviões a retalhos, mas em série.

Finalmente temos a aviação esportiva, cuja função no desenvolvimento aeronáutico de uma nação, é importantissimo. A aviação esportiva, exercida através dos aero-clubs, tem três funções, desempenha três papeis: formar a mentalidade aeronáutica, preparar a reserva de pilotos para as nossas forças armadas e dar ao individuo o prazer de dominar, equilibrando e superando a força da gravidade.

Os aero-clubs através de suas propagandas, de suas revoadas, de suas festas, vão despertando no povo o gosto pe-

la aviação, e fazendo com que não seja vista como um mistério, mas sim como fantástica conquista do gênio humano. Neste terreno os aero-clubs estão para a formação de pilotos civis e militares, para os cursos superiores de aviação, como as escolas primárias estão para as faculdades de ciências. E' a escola primária que abre à creança as primeiras portas do saber, que começa fazer-lhe raciocinar e agora já aquilo que parecia um aglomerado irregular de rabiscos se torna racional. São os aero-clubs que através de publicações, vôos, festas, etc, mostram aos leigos as maravilhas da aviação, as suas possibilidades, despertando-lhes o interesses pelos "sonhos de fcaros", hoje "realidades do sec. XX".

Brevetando centenas de jovens, os aero-clubs estão formando homens que amanhã poderão prestar serviços valiosos às forças armadas aereas. Tôdas as nações europeas, Estados-Unidos e algumas da America do Sul, compreenderam perfeitamente isto.

Na França, Inglaterra, Estados-Unidos e principalmente na Alemanha e Itália, pode-se dizer que não ha cidade onde não exista um aero-club assistido pelo governo e grande número dêles, pelos mesmos governos mantidos.

No Brazil, grandes passos já foram dados nesse sentido, mas muito mais teremos que marchar.

Como esporte, próprio dito, a aviação dá ao homem o prazer de cortar em todos os sentidos os espaços infinitos, de abarcar a terra com um olhar, de rivalizar com as águias e os condores. Lá no alto nada o tolhe, pode caminhar em todos os sentidos, "ouvir as estrelas" e "conversar com a lua" nas expressões dos poetas.

A aviação esportiva é exercida pelos aero-clubs, e a história dos aero-clubs, não é feita de facilidades, de estradas aplaudadas, mas de grandes dificuldades vencidas e enormes barreiras transpostas. Contra esses centros de brasilidade trabalham a incompreensão de muitos, ou a má fé de outros.

Mas a própria aviação é um simbolo de audácia, de persistência, de coragem, de força de vontade, e por isso os aero-clubs têm caminhado, têm vencido, têm progredido, em quasi todo o Brazil exceto no Recife, que nem na retaguarda marcha, porque ainda não se moveu.

O governo federal doou aos aero-clubs 12 aviões *Buecker-Jugman* e 2 *Muniz*. O exército, recentemente, presenteou o Aero-Club do Brazil e filiados, com 14 aviões de treinamento *Waco F*. Receberam esses aviões os aero-clubs de Maranhão, do Ceará, de Uberlândia, de Santa Catarina, de Goiaz, de S. Paulo, de Limeira, de Piracicaba, de Baurú, de Taubaté, etc. e o Recife, que se orgulha de ser a terceira cidade do Brazil, nem aero-club possui, enquanto que cidades do interior de São Paulo, Minas, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, têm seus núcleos de aviação em pleno funcionamento, com os seus cursos de pilotagem repletos.

Entretanto, o Aero-Club de Pernambuco vai ser fundado, a aviação vai começar agora, aqui, uma arrancada notável. E' preciso que todos aquêles que se interessam pela aviação se

(Continua na pag. 25)





# BOLIVAR E O AMERICANISMO

Augusto Duque

A figura de Simão Bolívar não tem o lugar que lhe cabe, no Brasil. Entre nós, ainda não se tem na verdadeira conta o impressionante “caudilos de los caudilos” que, como um genio benfazejo, saiu pelo continente afóra semeando patrias como quem planta roçados. O vulto do Libertador não tem ainda para o nosso espirito o tamanho que em verdade tem. Ainda não foi fixada para nós a sua personalidade.

Bolívar fornece a nós latinamericanos a sugestão de nossa identidade. Do nosso ineditismo. Da nossa voz in-sôada.

Na aparente incoerencia de sua figura complexa e variada ele é um protesto de unidade. De unidade barbara e visceral.

Reflete em sua propria pessoa a aventura da vida continental. Seus problemas. Seus defeitos. Suas qualidades. E' o homem-índice. O homem-súmula. O logaritimo de nosso valor.

Porém, como já dizendo, Bolívar não tem o lugar a quem tem o direito no espirito dos brasileiros, como sul-americanos e filhos do continente novo. Não está inteira-

mente identificado para nós. Entretanto, é a nossa fórmula. Do continente bom e inconcluso.

Essa falta, essa carencia, provém certamente da precariedade do nosso americanismo. De todas as nações sul-americanas, no Brasil é onde existe menos americanismo. Do bom e verdadeiro. De primeira mão.

Americanismo "made in..." existe por aí às arrôbas. Como uma atitude fria e literaria. Diletante, Snob.

Porém, americanismo é antes de tudo sentimento incoercível. E' encontro de tendencias. De origens. De anseios. De fins. De "harmonias longiquas de um maravilhoso concerto de coexistencia social, como quer Jesús Vaquero Davila. Está no fundo dos complexos que recebem insinuações da terra. No espirito dos sangues que plasmaram. No sangue da historia. E' coisa muita. Profunda. Vertical.

Onde campeia esse americanismo, onde existe esse tumulto de anseios, essa febre, essa incontida festa de complexos, então, a figura de Bolivar aparece como realmente é. O mago do continente. Esse pagé do heroismo. Esse suscitador de esforços impensados. Esse humanissimo anunciador de alvoradas.

Cavaleiro errante, d. Quixote das façanhas continentais, Bolivar é hoje, tambem, o rumo, o simbolo gritante de toda uma orientação de vida politica. Seus pensamentos, suas palavras agem como pagélanças.

As jovens gerações atormentadas de problemas politicos, diversos e acabrunhadôres queremos, aqui, acordar a lembrança de Bolivar, o sintonizador das energias boas. Ele não foi, somente, o "montoneiro" legitimo que esbandalhou todos os padrôes de heroismos libertários. Foi, tambem, o vidente. Alcançou, como um condor, às grandes distancias. E falou para as madrugadas. Para os dias insurgidos. Disse verdades geniais. Analisou a situação continental com intuição admiravel. Creu. Descreu. Creu. Sofreu todas as inconstancias da alma americana.

Sua palavra de fogo, sua vida que foi um arrôjo foram balizas da futura vida continental. Teve todos os defeitos e todas as qualidades. Rodó boa razão teve quando o chamou: "Grande en el pensamiento, grande en la accion, grande en la glória, grande en el infotunio; grande para magnificar la parte impura que caba en el alma de los grandes, y grande para sobrellevar en el abandono y en la muerte, la tragica expiacion de la grandeza".

O mais caracteristico da vida de Bolivar é essa intensidade, essa multiplicidade de aspectos, essa trágica humanidade de sua trajetória.

Sofreu todas as experiencias. Todas as glórias. Gossou todos os sofrimentos. Todas as amarguras. Viveu dramas. Excedeu-se. Estourou, quasi, os limites de homem.

A fé cega nos destinos continentais sucediam momentos de descrenças e afirmou desiludido que a America é ingovernavel.

Francisco Garcia Caldenos, fogoso publicista a quem Charles Leska chamou de "admiravel caçador de idéas", vê em Bolivar a genuina personificação do heroi calyleano.

Bolivar, muitas vezes, teve pensamentos que parecem dos nossos dias: "Somos um pequeno genero humano; possuímos um mundo à parte, cercado de mares imensos". Adiante: "Não devemos esquecer que nosso povo não é nem europeu, nem americano do norte, porém, mais um composto de America e de Africa, que uma emanção de Europa, pois

que, a Espanha, éla mesma, deixa de ser europeia por seu sangue africano (arabe) por suas instituições e por seu caráter. O alcance dessas palavras revelam uma poderosa compreensão do meio americano, da realidade continental.

Vivemos muito tempo num falso americanismo. Cordial. Cheio de protocolo. Superficial. Simplesmente literario. De afirmações pomposas.

Felizmente, ha uma tendencia geral para um americanismo de fato. Originario de uma justa compreensão da realidade continental. Do fortalecimento de afinidades. Da identificação de laços. De destinos.

Veja-se "Afirmações Brasileiras" de Fernando Mota, publicado recentemente.

Em outros países existem movimentos interessantes. Uma intensa e ansiosa procura de raizes. De equilíbrios. De esclarecimentos.

O Brasil nesse sentido está muito aquém do que deveria estar. Não devemos nem podemos nos furtar a esse imperativo da unidade continental. Unidade do substancial com a multidão americanamente desordenada de variantes de segunda classe.

Tenho em mãos uma carta do notavel publicista argentino Atilio Garcia Mellid, em que aborda com entusiasmo a necessidade de exaltar a unidade do destino americano. Lá às margens do Prata uma turma quente vive num ambiente de intensas realizações nesse sentido.

Quando a civilização assiste lá em outros continentes as pugnas da destruição mutua, nada mais imperioso, nada mais oportuno de que orientarmos a nossa vida pelos moldes e enchemos o nosso espirito das cousas gritantemente continentais.

Assim, depois de ser um dever, o americanismo é, hoje, uma necessidade. Uma brutal e caudilesca necessidade. Porém, entendamos, americanismo de fato, bom, integral, profundo.

Nesse sentido, nesse anseio, nesse rumo, Bolivar é o ponto imediato. Prestemos atenção a éle. Compreendamos a sua palavra de fogo. Atendamos ao seu chamamento via historia das instituições profundas.

A sua vida foi um grito de anunciação. Teve o sentido missionario do continente. Era o proprio sentido. Do continente bom. Que tem essa coleção de patrias. Que tem o Brasil.

Augusto Duque

## E. F. DE PONTES & CIA.

Casa especialista em fornecimento de artigos para Usinas de Açúcar.

Ferragens - Materiais de construção - Artigos para Industria e Lavoura.

Fone 9126

Caixa Postal, 185

Praça Artur Oscar, 207 e 211

RECIFE

PERNAMBUCO

## ○ Escotismo em face da emigração

por OSWALDO GUIMARÃES

○ escotismo, qualquer que seja o seu caráter ou a sua modalidade, da maneira como está sendo utilizado entre nós, não tem finalidade prática.

Como dedico a minha atividade à educação dos nossos pequenos patricios abandonados, o que faço dentro do regime ruralista e nos moldes escotistas, é lógico que o escotismo agrícola seja o ponto por mim almejado, consequentemente, é dele que irei falar, mesmo porque, apesar das suas lacunas no terreno propriamente dito das realizações práticas, é ainda, sem dúvida nenhuma, o mais útil, o mais agradável e o mais econômico.

Quando afirmo que o escotismo da maneira como está sendo praticado entre nós, não poderá e não atingirá o seu verdadeiro objetivo, é porque sinto a responsabilidade que me pesa. Falo como profissional, como técnico, para que amanhã não se me atribua a menor parcela de culpabilidade no tocante a formação moral e técnico-profissional dos jovens de hoje, homens de amanhã.

Arrebanhar os garçotes que perambulam pelas ruas, expostos a todos os vícios, sem tecto, dormindo nos lugares infectos, sujos de corpo e alma, livra-los do crime, tudo isto, constitue um grande contingente patriótico que se consubstancia no amor e na defeza da Pátria comum.

Concentrar em campos agrícolas os menores desviados, os filhos dos operários sem recursos, dos inválidos por doenças físicas e morais, familiarizá-los com os diversos trabalhos, despertando-lhes iniciativas a todas as atividades, dando-lhes uma disciplina sadia e alicerçada pelos sábios princípios da fé cristã, é sem a menor dúvida, a maior obra de brasilidade, de civismo e de religião que se pode prestar a esses seres pequeninos que em número elevado e sem os preventivos indicados, poderão formar um grande foco de contaminação de toda uma geração, provocando aquilo que tem preocupado os homens de governo e que chamamos de CRISE SOCIAL. Esta, que tem as suas origens no menosprezo que votamos às coisas serias e as misérias alheias, só se extinguirá quando fizermos de fato obra de brasilidade, de civismo e de religião, sem a vaidade das aparências, das exterioridades e das obras de fachadas.

Entretanto, para que fique positivado por escrito o meu ponto de vista e não venha receber mais tarde lições dos críticos apressados, é que continuo afirmando que aquilo que temos feito em matéria de escotismo agrícola, nada representa em face do objetivo que almejamos atingir, ou seja o aproveitamento para formação do núcleo familiar daquele garçote que arrebanhamos na primeira idade da vida.

Atualmente, a educação que ministramos aos nossos abrigados, está longe daquilo que devia ser, porém, peor seria se peor fosse. Por mais deficiente que seja a nossa orientação técnica-profissional, a obra que realizamos representa aos olhos dos homens de senso, um concurso valiosissimo, concretizado no amparo moral e material à juventude desvalida, pois seria um crime da nossa parte, se consentissemos a sua permanência nessa vida de isolamento e rebaixamento moral.

Pensamos que não há questão mais importante e momentosa para o Brasil, do que a do ensino agrícola. Dela, é que depende nosso futuro econômico, e deste nosso futuro político, uma vez que não pode existir boa política sem riqueza. Carecemos sem a menor dúvida, de um corpo de pessoal idóneo, preparado, de um operário agrícola nacional, afirmo algum.

“Manter uma agricultura acanhada e rotineira e uma indústria rudimentar e pèrra, mercê da insuficiência profissional do lavrador e do artifice, é ir ao encontro da derrota no conflito dos esforços e das capacidades.

O Brasil, cujos recursos são proverbiais como proverbiais também são seus gabos, precisa atender áqueles e bem merecer estes, adquirindo uma competência que só lhe pode provir da constituição de um pessoal apto para as fainas agrícolas e industriais, não só pelo braço, como pela inteligência”.

O que fazemos nós? Colhemos nas ruas um menor que havia sido abandonado no começo da existência, o integramos em nosso campo agrícola com ele vivemos em contacto dos 8 aos 18 anos de idade, num regime de internato, dando-lhe modesta assistência para depois, por força das circunstâncias entregá-lo novamente a um destino incerto, para o ganha pão de cada dia.

Pergunto aqui, áqueles que me dedicarem alguns minutos de atenção na leitura deste amontoado de palavras rabiscadas sem pretensões que não sejam a de bem servir a minha Pátria e à minha gente, houve finalidade prática na obra que sustentamos com os maiores sacrifícios? Não

Digamos de passagem. Qual seria a situação da planta que nos primeiros dias do seu desenvolvimento, tivesse da parte do seu dono todo carinho e cuidados possíveis, livre dos agentes que podiam impedir o seu crescimento e a sua beleza, elevando-se às alturas numa demonstração eloquente de vida, digo, qual seria a sua situação, quando privada desses cuidados, abandonada no matagal variado, onde campeiam os parasitas e as hervas daninhas?

É desnecessário dizer e falar do fim daquela planta, é impossível prever o seu destino, assim como é difícil prever o destino e a vida daquele que se tornou homem em nosso meio e durante muito tempo privou do nosso convívio e do nosso contacto, e hoje fora desse conforto terá de lutar pela garantia individual, cercado daqueles mesmos agentes, dos mesmos parasitas e das mesmas hervas daninhas.

O tempo, os recursos e as instalações são deficientes para que se possa formar de cada escoteiro um homem apto às pejejas de uma outra vida que se lhe apresente depois da nossa.

“O Brasil possui riquezas naturais cuja extração e utilização racional bastam para dar o bem estar aos habitantes e assegurar a sua prosperidade. Porém, a sua fonte mais certa de riqueza reside na exploração agrícola do solo e na transformação industrial dos produtos que dele se pode retirar pelo trabalho”.

Nem mesmo a exploração agrícola do nosso solo, eu posso garantir que façam áqueles que estão sob nossos cuidados. Quando eles daqui partem, procuram logo as grandes cidades, onde a princípio a luta pela vida lhes parece mais fácil e mesmo porque, apesar de donos de um território com uma extensão invejável, é onde justamente faltam terras aos que querem trabalhar.

Nós, pelos motivos que acima fôrão ditos, não formamos esse tipo de operário agrícola nacional de que tanto necessita o Brasil. Esse defeito não é somente nosso. A orientação que seguimos não é privilégio da nossa obra, ela não é particular, tem caráter geral. Vários fatores são responsáveis por esta situação em que nos colocamos. Entretanto, urge que saibamos, com os recursos de que dispomos, tomar outra diretriz enquanto é tempo, afim de que não tenhamos de experimentar dolorosas decepções nos dias que correm.

Acho que tem razão quem arimou que, a única cousa que a escola pode fazer é educar. Nós não podemos garantir outra cousa no momento visto que a dificuldade como disse alguém está em organizar a escola de tal maneira que ministre ao aluno uma educação adequada a carreira a que ele

(Continúa na página 24)

# LIVROS PARA O POVO

ANTONIO TOSCANO

**É** um fato por demais observado o desconhecimento da êsse desprezo pelas verdades da nossa Religião seja uma consequência da facilidade com que, outrora, a Igreja dominava no lar e na sociedade, como bem reconhece frei Afonso Maria Ord. Carm. em o seu livro — *Demonstração Popular Religião*, em que vive grande parte dos Católicos. Talvez da Verdadeira Religião. Tempo êsse em que *os soldados de Cristo viviam em paz e não precisavam pegar em armas para defender a sua Religião*.

Hoje, porém, quando o mundo marcha atônito por entre a mais perigosa desenvoltura de costumes; quando as heresias investem, procurando subverter a ordem das coisas; quando se promovem as mais infames perseguições aos fieis; quando cresce o número de martires pela Santa Fé, hoje, não podemos de nenhum modo olhar com igual displicência os sagrados deveres de bons, de verdadeiros Católicos.

A época é de ataques em todos os setores da vida, e, consequentemente, de defesa. Havemos de defender não os "lugares sagrados", como relembram as Cruzadas, mas as verdades sagradas. A arma a ser empregada é a da inteligência, o mais sublime dos instrumentos de que o homem pode utilizar-se, porém o mais difícil de ser contra atacado.

Mister se fazia um grante esforço no sentido de obviar o mal resultante da incompreensão com que vinha sendo encarada a instrução religiosa. Muitos, é verdade, ignoram-na por culpa própria. Sempre houve obras didáticas, literárias e filosóficas que encerram os melhores esclarecimentos a respeito. Outros, porém, aqueles que apenas chegaram a frequentar o primeiro Curso, sentiam a falta de leituras católicas que lhes fossem acessíveis. Enquanto as inteligências mais ilustradas se deixam absorver em estudos ou leituras profanas, os segundos não tinham ensejo de adquirir noções mais esclarecidas das práticas da Religião.

O problema da Instrução religiosa, como se vê, reveste-se de um duplo aspecto. De um lado, há a necessidade incentivar-se a Apologética entre os nossos doutos católicos. De outro, facilitar os mesmos estudos ao povo por meio de uma publicação em linguagem menos erudita.

Felizmente já se registram duas grandes realizações que preencherão maravilhosamente ambas as lacunas. Os Cursos Intençivos de formação da Juventude representam uma esperança para a Igreja Católica. Restava o segundo empreendimento que, em boa hora, a Cruzada da Boa Imprensa se pôs levar a cabo. Trata-se de publicar uma série de livros nos quais serão estudadas a vida dos Santos, descritas as suas grandes virtudes, esplanadas a história e as razões do seu culto através do tempo, bem como oferecida à nossa contemplação os seus altos exemplos de santidade. Nestes livros também se darão esclarecimentos doutrinários sobre o culto dos Santos e se corrigirão defeitos na prática das devoções parti-

generalizado em muitos lugares de consagrarem-se como particulares aos grandes santos da Igreja. Sabemos do costume tronos de algumas causas muitos santos elevados à honra dos nossos altares. E' assim que Santa Lusia é tida como padroeira contra as doenças de olhos e a anunciadora dos bons e maus invernos; Santa Apolônia, que favorece nas extrações dos dentes; São Bento que defende os viajantes da mordedura das cobras. Muita gente anda com um "nó" no rosário para evitar o ataque das serpentes. Outros recitam estrofes como esta:

"São Bento, agua benta,  
Jesús Cristo no altar;  
O bicho que estiver no caminho  
Arrede que meu filho quer passar".

Há em tudo isso, ora uma fé ingênua e legítima, ora crenças a que o vulgo se apegue e que confunde com o mais puro e sadio espírito religioso, mas em que revela, quasi sempre, grande ignorância da verdadeira doutrina católica.

A publicação da Cruzada, nessa campanha, será iniciada com três obras sobre a vida de três Santos: Santa Lusia, Santa Cecilia e São Sebastião: três Mártires cristãos cuja devoção é muito popular. O Cônego Alfredo Xavier Pedroza, que está encarregado de escrever êstes primeiros livros, apresentará o mais completo e interessante estudo. Conhecedor atilado da psicologia dos leitores a que êles se destinam, prestará S. Revdma. mais um inestimável serviço à causa da Igreja Católica, sobretudo no meio da classe proletária.

Estamos informados de que o primeiro destes livros sobre a vida, o culto e a devoção de santa Lusia, será entregue à publicação e exposto à venda nos primeiros dias de Dezembro. Assim os devotos de Santa Lusia, sobretudo, aqui no Recife, os paroquianos da Freguezia da Torre, poderão ter boa ocasião de ser instruídos e mais esclarecidos a respeito da vida e das virtudes, bem como do culto da famosa Virgem e Martir cujo berço foi a cidade de Siracusa.

## ARMAZEM DO CABOCLO

Casa fundada em 1851

IMPORTADORES, EXPORTADORES E RETALHISTAS  
DE FERRAGENS

Cutelarias, artigos para agricultura, industria, e uso do mestic. Armas de caça, tintas, óleos, pinceis vernizes etc. O maior deposito de ferro, cobre, latão, chumbo e outros metais

ALVARES DE CARVALHO & CIA. LTD.

RUA DUQUE DE CAXIAS, 340, 350

Caixa Postal 165

Fone 6225

RECIFE — PERNAMBUCO

# NOSSA CAPA

**P**ODEMOS afirmar sem receio de acasianismo que, a História da Arte e a História da Religião se confundem de tal forma que julgamos impossível separá-las.

A gravura que estampamos em nossa primeira página, é uma obra de Arte da Renascença, e como tal uma obra de religiosa inspiração, de autoria de Cosimo Rosselli.

Cosimo foi pupilo de Neri de Bicci, com o qual fez seu aprendizado de 1452 a 1456, recebendo em seguida as influências plásticas de Benozzo Gozzoli e Baldovineti.

Trabalhou durante alguns anos na cidade de Lucca, mais tarde sendo chamado à Roma, executou vários afrescos na Capela Sixtina do Vaticano.

A-pesar-de não ser um grande imaginativo, Cosimo Rosselli compensava esta lacuna por uma técnica e um talento real. Seu pincel traçava linhas seguras e flexíveis, auxiliado por um colorido harmonioso. Seus personagens graciosos e nostálgicos, trazem a marca da Renascença poética e sonhadora.

Cosimo Rosselli foi o mestre de Piero de Cosimo e de Andrea del Sarto.

E & V

NO PRÓXIMO NÚMERO:

O Brasileiro, por CLOVIS CHAVES.

Direito Novo, por JORGE ABRANTES.

Sinal Branco nos limites do céu... , por CLEODON FONSECA.

PUBLICAÇÕES ENVIADAS À "RENOVAÇÃO"

O Patriarca da Independência — Dezembro de 1821 a Novembro de 1823. — José Bonifácio de Andrade e

## "YPIRANGA"

Tintas - Esmaltes - Vernizes - Composições

DISTRIBUIDORES

**Albino Silva & Cia. Ltda.**

Avenida Marquês de Olinda, 191

RECIFE

Fone 9272

Caixa Postal 167

## A PRIMAVERA

RUA NOVA, 378

RECIFE

Fones: LOJA 6461 e AFC 6480

NOVIDADES, MODAS, TECIDOS, MIUDEZAS, TAPEÇARIAS, ARTIGOS PARA HOMEM, ALFAIATARIA, ETC., ETC.

TUDO... Pelos menores preços... à vista ou pelo crédito A. F. C. (em módicas prestações mensais)

## TIGRE & CIA.

Fabrica e escritório: Av. CRUZ CABUGÁ, 211

CAIXA DO CORREIO 261 — End. Teleg. "TIGRE"

Fabrica de Moveis Asépticos. Fabrica de Sabão TIGRE. Fabrica de Cofres e Fogões. Placas Esmaltadas

Arquivos de Aço, Prensas de Copiar, Carros de mão, Portas de aço ondulado, Serralharia, Moveis de Ferro, Cobertas e Estruturas Metálicas, Pinturas e Concertos de Cofres. Fundição de Ferro, Bronze e outros metais, Oficina Mecânica, Galvanização em Níquel, Crômo, Cobalto, Tungsteno e Cadmio

## ARTIGOS DE COURO

Carteiras, Pastas, Bolças, Malas de Couro e Fibra, Maletas e Cintos, assim como os demais modelos para todos os preços

Visitem a nossa casa e peçam os preços

CASA CORDOVA

Rua do Livramento, 109 — RECIFE

FELIX CORDOVA & CIA.

Silva. — Série 5.<sup>a</sup> Brasileira, Vol. 166. Companhia Editora Nacional. São Paulo.

Uma noiva em leilão. — Concordia Merrel. — Tradução revista por Godofredo Rangel. Companhia Editora Nacional. São Paulo.

Cana Caiana. — Ascenço Ferreira. — Livraria José Olimpio — Editora.

Adolescência. — Luiz Gonzaga Santos. — Geração Editora — Recife.

O Ensino Profissional na Alemanha. — Relatório apresentado ao Ministro Gustavo Capanema, pelo Inspeitor Regional Rodolfo Fuchs. — Serviço Gráfico do Ministério da Educação. — Rio de Janeiro.

Construa a sua casa própria em pagamentos necessários modicos, na

**PREDIAL DO NORDESTE**

**S/A**

**UZINA  
ARIPIBU' S/A**

**Produção: 80.000  
sacos de açúcar**

**MUNICIPIO DE  
RIBEIRÃO  
PERNAMBUCO  
BRASIL**

## SINDICALISMO E MARXISMO

(Continuação da pagina 6)

a que se juntara, se deixou por ela subprejuar e, como base do Sindicato que é fim, deu-lhe vida e movimento.

O Sindicalismo, isto é, o movimento que leva o homem ao Sindicato, à associação, apareceu sob vários aspectos.

Como doutrina, em qualquer caracter sempre pleiteou a melhoria das condições do trabalhador, da distribuição da riqueza, das relações de equilibrio entre fatores da riqueza e do organismo social.

O Sindicato situado como fato revolucionário, é unilateral e profundamente imediatista, materialista e finalmente estático.

Os sistemas sindicalistas, tomando por exemplo a divisão de Sergio Panunzio, podem ser encarados sob os seguintes aspectos :

- Revolucionário
- Católico
- Jurídico social ou Integral
- Nacional Inglês
- Fascista.

©

O Sincalismo revolucionário, provocador de grèves, partidário da violência e imbuido de toda técnica soreliana, fugiu a dinâmica social criando o Sindicato como foco de agitação extremista, onde se concentravam as vontades proletárias do classismo agonisante, visando realizar o desejo dos sonhadores marxistas, ou seja, destruir o mundo burguês capitalista.

Essa fase sindicalista, oriunda quasi sempre da ausência de preparação de mentalidades, é o resultado do empirismo das soluções apressadas aos problemas sociais, ou então, o reflexo da avalanche de odios recalcados pelas massas oprimidas.

Em todas as nações se há evidenciado cenário identico, como se tem observado a tendência francamente comunista desse Sindicalismo incipiente.

"A Alemanha, vanguardeira das leis trabalhistas" — expressão do sr. Daniel Carvalho — traduziu no materializar da constituição de Weimar (1919), o fenômeno denunciado, que foi também constatavel no Brasil, através da execução da constituição social democrática.

Talvês que o qualificativo de revolucionário não assiste bem á formula anárquica do Sindicalismo. Pois, revolução supõe movimento, evolução constante, aperfeiçoamento perene.

Por isto, melhor seria nomea-la de Sindicalismo reacionário, visto haver sido oriunda d'uma reação do trabalho desorganizado ao capitalismo.

As outras faces com que se ha apresentado o Sindicalismo como sejam :

- Católico
- Jurídico Social,
- Inglês

buscando intensamente o ponto de equilibrio entre os fatores da riqueza, se encontram numa fórmula mais perfeita que é o Sindicalismo de Estado, também chamado Corporativista e, ainda, Fascista. Esta última, reunindo o espirito solidarista e da cooperação entre os seus membros, é uma ramificação do próprio Estado e tem como complemento de sua estrutura doutrinária, o sistema também católico de Deguit.

O esquema precisado por Panunzio porém, poderia ser completado com o acrescentar d'uma síntese onde se enquadrassem todos os sistemas conhecidos, projetando uma fórmula mais perfeita, porque apesar de ser o Sindicalismo fascista bem atual, carece de fundamentos espirituais ainda.

Assim, acrescente-se o Sincalismo Corporativista Cristiano ou Integral.

Fundamentado em alicerces espirituais, morais e economicos, ele é o sistema imposto ao momento. Formando a conciencia espiritual das grandes massas obreiras, modelando a formação moral dos trabalhadores dentro de um espirito nacionalista, ambientando o homem á sociedade, trabalhando a sua conciencia profissional, é o fiel da balança social, a ponte de ligação entre o Estado e a Nação e pre-

cisa o equilíbrio entre todos os trabalhadores, quando se delinee o entrecchoque de interesses. Sob o ponto de vista econômico realiza o fim ideal do Corporativismo Cristão, através do cooperativismo de crédito, consumo e produção, melhorando o padrão de vida do trabalhador, pres-tando-lhe assistência familiar e proporcionando-lhe um sa-lário justo, equitativo à sua necessidade, capacidade de trabalho e produção.

Sob o ponto de vista de dinâmica social, é evidente a marcha dos sistemas sindicalistas ao ideal d'aquela organi-zação que assegura a felicidade relativa do homem, através da hierarquia natural de valores, sobre os quais se estru-turam os Estados: Espiritual sobre o moral, moral sobre o social, o social sobre o nacional e o nacional sobre o par-ticular.

Fugindo de comentários sobre organização do Estado, veja-se a grande colaboração do Sindicalismo, como meio de destruição do marxismo como movimento de massa e agitação revolucionária e anárquica.

O sistema de Marx, vendo simplesmente nas suas elu-cubrações a coletividade, — a classe proletária —, afogou nessa expressão quantitativa os grupos profissionais, reali-sando não a síntese, mas a verdadeira absorção das expres-sões menos numerosas do todo, ao envés de estabelecer o equilíbrio positivo na unidade pela sua diferenciação.

Como movimento quantitativo, na avalanche dos instin-tos desenfreados julgára aniquilar os opressores supostos ou reais.

Da projeção desse aspecto e confrontando os sistemas, é que se fixa à conciencia dos observadores, a grande coope-ração do Sindicalismo, à destruição da tática marxista.

Grupalista por excelência, fracionou a unidade do cole-tivismo marxista, que não mais encontrou eco nos espíritos.

Agitando, estagnou o Sindicato; evoluindo, completan-do-se e ora se deixando suplantar permitindo se lhe fosse inoculada energias novas, o Sindicalismo realizou e está rea-lizando uma grande obra de harmonia social, cooperando para a paz dos espíritos.

E "como o espírito humano não pára nos seus impul-sos de criação infinita", o Sindicalismo continuará na sua marcha constante, até a sua fórmula perfeita no Corporati-vismo Cristão, que lhe assegurará o repouso em movimento, ou seja, o equilíbrio, através da integração das forças vivas da nação no organismo do Estado.

(1) — O vocabulo "revoluções", está empregado como "transfor-mações" — "dinâmica do pensamento" a marcha do espí-rito transformando mentalidades.

## AZAS, AZAS PARA O BRASIL

(Continuação da pagina 16)

congreguem, é preciso que os esforços sejam coordenados, porque a aviação precisa marchar em Pernambuco, precisa vencer.

O governo federal por decreto de Agosto p. p., autorizou e abriu o respectivo crédito para a aquisição de 20 aviões de um dos tipos "Aeronca", "Piper Club" ou "Taylorcraft", e 2 M-7, para "distribuição desses aviões pelos aero-clubs que ainda não receberam esse auxilio do overno" isto "independentemente da contribuição de 20 por cento do preço".

Assim pois faz-se mister a organização do aero-club local, quanto antes, para fazermos jus a um desses aviões.

Pernambuco não se conformará a esta imobilidade, que atrofia, que mata. Por isto éle vai alçar vôo. Um pouco de força de vontade, de audácia e a aviação triunfará.

Dentro em breve, o brasileiro que expoz ao vento uns palmos de pano e dominou os mares, lançará no espaço uns palmos de azas e dominará o azul.

"AZAS, AZAS PARA O BRASIL"

"CLAMAM A TERRA, OS RIOS, OS VENTOS".

MANTEIGA

# PEIXE

É a rainha das manteigas.

Usá-la é preferi-la por toda vida.

DEPOSITO:

Rua das Calçadas, 70

Fone 6718

RECIFE

## Elyseu Rio & Cia.

Representações

Tr. da Assembléa, 54 - 1.º

Caixa Postal, 211

Telefone 9076

RECIFE

PERNAMBUCO

## GAZOSAS

# SABÁ

Preparadas com as Aguas Minerais de SABA'

LIMÃO - LARANJA - ABACAXI - MAÇÃ

EMPRESA AGUA DE SABA' LIMITADA

263, Rua do Imperador - Fone 6495

RECIFE

PERNAMBUCO

## PREFIRAM O CALÇADO

# "COMBATE"

## FORTE E BARATO

Encontra-se á venda nas Casas :

### Casa Brasil,

Rua Duque de Caxias, 304

### Casa Vencedora,

Rua do Livramento, 7

### Casa Primôr,

Rua do Livramento, 21

## Severino de Vasconcelos & Cia.

RUA DA PRAIA, 83

RECIFE

## Instituto do Café em Pernambuco

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Ltda.

RECIFE — PERNAMBUCO

Financia os cafeicultores do Estado seus associados a juros baixos e longo prazo

Promove para seus associados a aquisição de maquinários para seus serviços agrícolas e melhoria de produção

AV. MARQUÊS DE OLINDA N.º 35

1.º ANDAR

RECIFE — PERNAMBUCO

## Café Liberdade

O MAIS PREFERIDO ENTRE OS CONGÊNERES

Sempre com o fito de bem servir aos seus consumidores, distribue além das qualidades excepcionais, lindos e preciosos brindes

Preferir o CAFE' LIBERDADE é uma demonstração de bom gosto.

Sociedade de Moagens do Recife Limitada

Filial de OLINDA

## O ESCOTISMO EM FACE DA EMIGRAÇÃO

(Continuação da pagina 18)

se destina, uma educação realmente útil, eficaz e ao mesmo tempo teórica e prática, que habilite enfim o homem de amanhã a conquista da sua estabilidade individual por meio de uma verdadeira experiência profissional, nêsse sentido prático e real da vida.

Assim, é que continuo afirmando e robustecendo as minhas considerações concernentes a formação de um tipo de operário agrícola nacional. O tipo de que necessitamos não se conseguirá a toque de caixa, sem um estudo acurado do assunto e das necessidades e finalidades que se tem em vista.

Não é mais do ensino superior que carecemos. Do ensino técnico profissional, prático e especializado, tudo dentro de um critério nacional em que o material humano sinta o despertar de todas as suas faculdades no sentido integral, é o que se faz mistér, principalmente, porque tudo indica que não se pode mais permanecer num estado de apatia quando estão em choques os interesses nacionais.

Para o nosso caso, quando afirmamos que o escotismo da maneira como está sendo praticado entre nós, qualquer que seja o seu carater, perde a sua finalidade humana e social, desde que a terra não entre como fator decisivo para que se forme e se crie na alma nacional um tipo de operário agrícola, caracterizado por êsse fogo ardente de atração às nossas catingas, aos nossos sertões e às nossas belas paisagens. Isto também não se conseguirá por meio das nossas escolas de alfabetização, dos nossos grupos escolares, onde a educação é rudimentar e apressada.

Quando disse que a terra entra como fator decisivo na formação moral e profissional dos jovens de hoje, homens de amanhã, quero também com isto dizer, que os poderes públicos precisam tomar a sério a questão de educação, pondo à disposição dos educadores agrícolas, terras onde eles possam realizar a formação do operário agrícola nacional, dentro do sistema abaixo esquematizado, o qual se me afigura o mais lógico, o mais racional e o mais prático.

Sistema para criação do operário agrícola nacional.  
Campos Agrícolas

Campo de Formação, os menores de 7 aos 12 anos, isto de acôrdo com o desenvolvimento e as condições dos menores.

Campo de Preparação — os maiores de 12 aos 18 anos — saídos do 1.º

Campo, observando-se as mesmas condições.

Campo de Produção — os maiores de 18 anos.

No próximo número de RENOVAÇÃO, quando tratarei do problema de emigração e colonização, aproveitarei a oportunidade para explicar mais detalhadamente a função, organização e finalidade de cada campo.

## Banco do Povo

Diretores :

Alfredo Alvares de Carvalho, Dr. Severino Marques de Queiroz Pinheiro, Afonso de Albuquerque, Antonio Gaspar Lages e Antonio Martins do Eirado

Gerente : Miguel Gastão de Oliveira

Capital . . . . .	1.000:000\$000
Fundo de Reserva . . . . .	2.500:000\$000
Fundo para Integralização do Capital . . . . .	350:000\$000
Lucros Suspensos . . . . .	144:818\$350

Matriz : Carta Patente N. 1.529 de 21 de Junho de 1937  
Intalado em 27 de Abril de 1920

Séde : Rua do Imperador, 494 (Ed. proprio) — Recife  
Filial : João Pessoa — Escritórios em : Alagôa de Baixo  
Pesqueira e Bezerros (Estado de Pernambuco) . . .



**Brim Branco ?**

só

**Bolivar**

Fabricado especialmente pelo  
Cotonificio Othon Bezerra de Melo S/A

**CORTUME "SÃO JOÃO"**

**Compra de Péles e Couros**

**Souza & Irmãos**

Casa Matriz - Av. São João, 226 - Caruarú

Filial - Rua Padre Muniz, 206 - Teleg.: "SOUZA"

Caixa Postal 232 -- Telefone: 6714

RECIFE - PERNAMBUCO

**CORTIDORES E**

Exportadores de péles, couros, lã de  
carneiro, cabelo de boi e de cabra,  
cêra de abêlha, etc.

**Visite o CLUBE BANCO DE OURO**

na rua Diario de Pernambuco, 116 e  
veja as vantagens que ele lhe oferece.

Farinhas de trigo de maior rendimento:

**Olinda Especial**

**Olinda**

**Pilar**

**Recife**

do **MOÍNHOS RECIFE**

GRANDES MOINHOS DO BRASIL S. A.



**PALACE HOTEL**  
Domingos Magalhães

End. Tel. :: PALAÇOTEL  
FONES : 2041 — 2638  
Água corrente em todos os apartamentos. O mais higiênico do Recife.  
ELEVADOR ELETRICO  
Praça Maciel Pinheiro, 330  
Hospício n.º 7  
RECIFE — Pernambuco

**A MOBILIADORA**

— DE —

**Mauricio Kaufman**

ELEGANCIA  
ECONOMIA  
E CONFORTO

Completo sortimento de moveis de estilos modernos, dos melhores fabricantes do Paraná e do Estado.

Variado sortimento de moveis estofados. CAMAS PATENTE (Tapeçaria e Colchoaria)

FACILITA-SE O PAGAMENTO

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

RUA DA IMPERATRIZ, 57

RECIFE — PERNAMBUCO

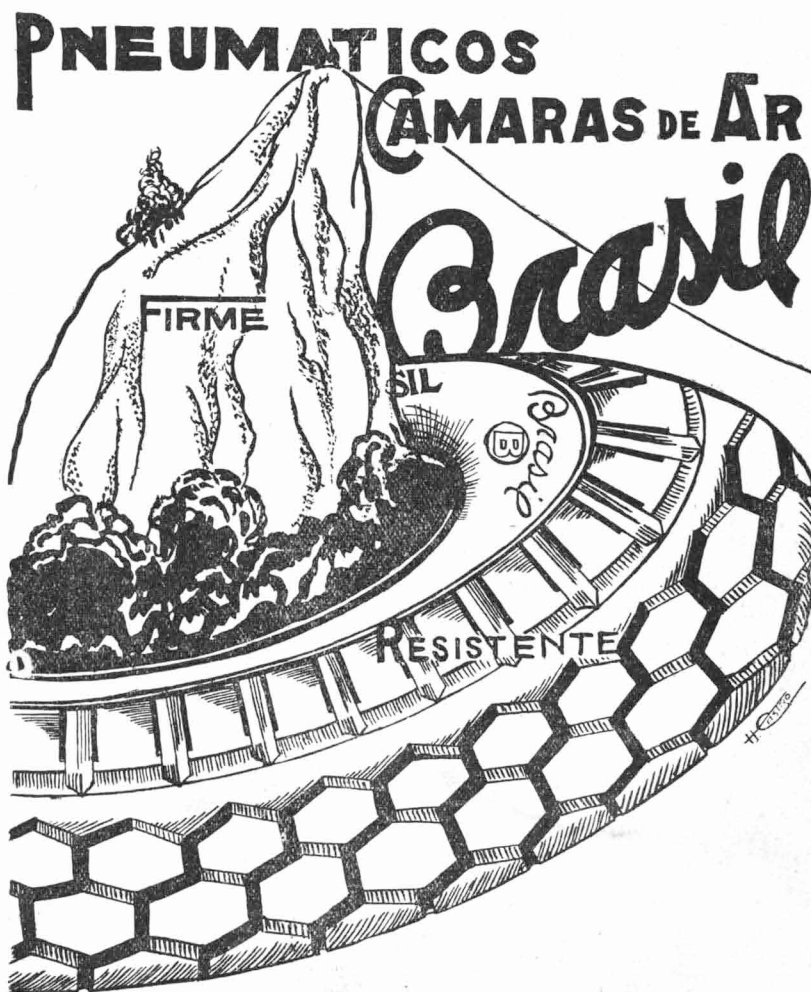
VISITEM A GRANDE  
**EXPOSIÇÃO NACIONAL**  
DE PERNAMBUCO

COMERCIO - INDUSTRIA - ARTES

DIVERSÕES

PREÇO DE INGRESSO DA EXPOSIÇÃO:

Adultos 1\$200 - Crianças até 8 anos \$600



## A ARTE PELA ARTE E O PARNASIANISMO

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 13)

mente do símbolo, por sistema" (12). Como sempre, e o exagero que, culminando no ridículo, faz desaparecer as escolas e os seus rebentos. Foi esse o mal dos românticos e o dos parnasianistas. E iria ser, também, o dos simbolistas.

Obscuro com imprimir ao verso uma flexibilidade ondulante, dar à palavra novos significados e nuances e procurar as relações entre os sons e as cores, os simbolistas, éies próprios, prepararam a sua ruína. E foi Mallarmé quem mais contribuiu para isso.

Essa questão de escolas, entretanto, não vai como os verdadeiros artistas e poetas. "Les tempéraments individuels ne peuvent s'exprimer que par des formules individuelles". (13) Ao contrario do que pensava Renan, quando a arte começa a viver por si — a arte pela arte — deixa de constituir uma função e uma expressão do meio. E também deixa de ser arte. A poesia deve ser, sempre, "le don d'exprimer avec une clarté personnelle ce qu'il y a de mystère dans l'univers, dans l'homme, et dans l'histoire, como opinava Brunetiere. (14)

Ambas as escolas, como se vê, ostentam suas qualidades e defeitos, decorrentes estas, certamente, do requinte de princípios. Mas, como expressão de arte, o simbolismo sobreleva ao parnasianismo. A musica do primeiro parece conter mais arte que a impassibilidade do segundo. É que os simbolistas concorriam, de fato, em que "o coração é melhor pinto que os olhos".

O idealismo absoluto é, francamente, inaceitável. Mas, diante do objetivismo exclusivo de Nietzsche, o bom senso manda, por ser mais coerente com a lógica, optar pelo subjetivismo de Shelley. "Nous croyons, escreve Contreras, nous croyons que l'unique definition du vers serait: une phrase qui a des ailes; des ailes externes, rythmiques, ou internes, idéales; n'importe: des ailes". (15)

Pena é que os parnasianistas se tivessem preocupado demasiadamente com a arte. Sem isso, teriam, de certo, produzido obra mais artistica e também mais duradoura.

Crêso Teixeira

1) — Ramalho Ortigão, "O culto da arte em Portugal", p. 102.

2) — Licínio Cardoso, "Filosofia da Arte", p. 112.

3) — Abel Rey, "Psicologia", p. 146.

4) — Delgado de Carvalho, "Sociologia", p. 241.

5) — Taine, "Philosophie de l'art", p. 111.

6) — Taine, "Essais de critique et d'histoire", p. 121.

7) — E. Martha, prefaciando David-Sauvageat, "Réalisme et naturalisme", p. IV.

8) — 15) — Francisco Contreras, "Les écrivains contemporains", ps. 49, 82.

9) — Gustave Kahn, "Symbolistes et décadents", p. 358.

10) — 13) — Gustave Lanson, "L'art de la prose" p. 290.

11) — Agrippino Grieco, "A evolução da poesia brasileira", p. 117.

12) — John Macy, "História da literatura mundial", p. 327.

14) — Brunetiere, "Études critiques sur l'histoire de la littérature française", VII, p. 259.

### FONSECA IRMÃOS & CIA,

CASA FUNDADA EM 1875

Fabrica de sabão — Armazem de recolher — Machinas  
Agrícolas — Tratores — Kerozene — Gasolina — Oleos  
lubrificantes — Automoveis "FORD"

OFICINAS DE CONCERTO

Agencia FORD — Rua Barão da Vitória, 261

### MANOEL PEDRO DA CUNHA & Cia.

Exportadores de Café, Algodão,  
Mamona etc.

Rua de São João, 531 (Sobrado)

RECIFE

PERNAMBUCO

### A Camisaria GLOBO

Se não é deve ser a sua Camisaria

R. DUQUE DE CAXIAS, 205

Fone 6749

### G. Lucchesi & Cia.

#### BICICLETAS

Correias em "V" para transmissões, Com  
pressores de ar e ferramentas pneumáticas.  
Motores Diesel estacionarios e maritimos.  
Rolamentos e material para transmissões.

RUA DO IMPERADOR, 351 — RECIFE — FONE 6360

END. TEG. "GELUC"

Companhia Tadeu Rocha 30/8/79

# GOIABADA

